



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



ANNA JAMILLY SANTOS MARTINS PONTES

**ANÁLISE FONOMORFOLÓGICA DO LÉXICO DA LIBRAS RELACIONADOS AO
CAMPO SEMÂNTICO DA HISTÓRIA E DA LÍNGUA PORTUGUESA**

PORTO VELHO

2023

ANNA JAMILLY SANTOS MARTINS PONTES

**ANÁLISE FONOMORFOLÓGICA DO LÉXICO DA LIBRAS RELACIONADOS AO
CAMPO SEMÂNTICO DA HISTÓRIA E DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia, como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

PORTO VELHO

2023

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

P814a Pontes, Anna Jamilly Santos Martins.
Análise fonomorfológica do léxico da Libras relacionados ao campo semântico da História e da Língua Portuguesa / Anna Jamilly Santos Martins Pontes. - Porto Velho, RO, 2023.

101f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Núcleo de Ciências Humanas, Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Fonomorfologia. 2. Comutação. 3. SignWriting. 4. Libras. I. Cotinguiba, Marília Lima Pimentel. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 81`221.24(043.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

ANNA JAMILLY SANTOS MARTINS PONTES

ANÁLISE FONOMORFOLOGICA DO LÉXICO DA LIBRAS RELACIONADOS AO CAMPO SEMÂNTICO DA HISTÓRIA E DA LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada em 17 de julho de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Presidente da Banca e Orientadora (UNIR);

Professora Dra. Lucimara Alves da Conceição Costa, Membro Interna ao Programa (UNIR);

Professor Dr. Tiago José Freitas Batista, Membro Externo (UFRJ);

Professor Dr. Alexandre Melo de Sousa, Membro Externo (UFAC)



Documento assinado eletronicamente por **LUCIMARA ALVES DA CONCEICAO COSTA, Docente**, em 17/07/2023, às 21:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA, Docente**, em 19/07/2023, às 22:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Melo de Sousa, Usuário Externo**, em 19/07/2023, às 22:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1415058** e o código CRC **DB81526E**.

AGRADECIMENTOS

Durante dois anos dediquei-me à realização desta pesquisa, fruto de muito estudo, dedicação, oportunidades e bons conselhos, mas nada nesta vida fazemos sozinhos, temos sempre alguém que nos apoia na caminhada, comigo não foi diferente, tenho muito a agradecer por ter tido pessoas maravilhosas, a quem serei eternamente grata.

Assim, começo agradecendo a Deus, por ter me proporcionado conhecimento, paciência, sabedoria, dias bons, dias ruins, pessoas maravilhosas e acima de tudo ter me proporcionado a vida, no meio de uma pandemia.

Tenho muito a agradecer à minha família pelo apoio durante toda minha vida, seja acadêmica e/ou profissional, aos meus pais, Aldair e Jacira, por ter me dado a vida, às minhas amadas e queridas tias Edilene, Dacilene e Eliene por ter cuidado de mim e sempre me incentivaram aos estudos, apoiando-me nas escolhas. Aos meus primos, Anny Marie, Juninho, Cidinho e Barbara, por terem sido meus primeiros alunos de infância, em que fiz de cobaia para minhas experiências acadêmicas quando nem sabia o que isso significava, aos meus irmãos, Anny Jennifer e Anthony, por terem me incentivado.

Ao meu amigo/irmão que Deus me proporcionou conhecer e amá-lo, Israel Queiroz que muito me ouviu, me apoiou em loucuras, foi meu professor e me ensinou muito sobre a área, obrigada por ter entrado na minha vida, você tem moradia no meu coração. À minha amiga/irmã Ianele Vital, obrigada amiga por estar sempre ao meu lado em muitos dias, apoiando em cada conquista, por me ensinar muito sobre Libras, pelos conselhos, as lágrimas acolhidas e por estar nessa realização acadêmica, você tem moradia na minha vida.

Como profissional tenho que agradecer a uma mulher de pulso forte e que é uma pesquisadora com muito conhecimento e muito me ensinou, Helena Sperotto, mulher incrível que me deu a primeira oportunidade de mostrar meu conhecimento e acreditou no meu trabalho.

Ao meu amigo Alexandre Melo, por quem tenho um estimado carinho, pesquisador da área, me proporcionou muito conhecimento para minha pesquisa, um grande amigo fora dos muros acadêmicos e que está na nata da sociedade acadêmica da Libras, foi meu chefe e hoje tenho uma grande admiração pelo seu empenho, dedicação e inteligência, obrigada por compartilhar seu conhecimento comigo.

Aos meus amigos que me acolheram na Ufac, Ingrath, Fernando Neri e Josiane Martins, muito me ajudaram na vida e na academia, estiveram na felicidade e na tristeza, acreditaram no meu sucesso, obrigada amigos.

Ao Departamento de Libras, na pessoa da Ariana, uma amiga peculiar, mas mãezona, obrigada pela acolhida, incentivo e por abrir oportunidade acadêmica para mim, serei eternamente grata pelo seu carinho comigo. À pessoa mais meiga, delicada e educada que conheço, Iris Oliveira, obrigada por ser essa pessoa incrível e me incentivar como pessoa e profissional, por ter dado seu ombro amigo quando mais precisei, serei eternamente grata. A Larissa, por ter me ajudado na pesquisa científica, por me proporcionar conhecimento na literatura e por ser uma grande amiga. À professora Walterlina Brasil, muito obrigada por ter estado na minha caminhada profissional e pessoal, tornou meus dias mais felizes, gratidão sempre.

Aos meus amigos docentes surdos, Ana Carolina, que é uma amiga para todos os momentos, que acredita no meu trabalho, que esteve comigo nos momentos difíceis, muito obrigada, gratidão para sempre, ao Magno Prates que compartilhamos conhecimento e me apoiou no mestrado, tirou minhas dúvidas, muito obrigada, a Greice Kelly, obrigada por compartilhar comigo o conhecimento na morfologia da Libras, aprendi muito ao trabalhar com você.

Aos meus amigos surdos do Acre, Danielli, Rosicleia, Daniel, Sidnei, João, Patrícia, Fernanda, Sayonara, obrigada pelo conhecimento, acolhimento e por me proporcionarem conhecer cada um de vocês, sem preconceitos muito ensinaram-me da Libras.

Aos meus amigos surdos de Cacoal, Maisa, Guilherme, Jadson, Marcia, Raiane, Thiago, Daglson e Shaiane, obrigada por terem me acolhido em uma comunidade que tem uma cultura muito diferente, por estarem me apoiando e me ajudando com novas pesquisas.

Aos meus amigos do trabalho da Unir/Cacoal, Eduardo Taveiros, Ivan, Crislaine, Sara, Eduardo Medeiros e Marcondis, obrigada pela ajuda nesta pesquisa, pela compreensão e incentivo de cada um, trabalhar com vocês me proporciona uma gama de conhecimento.

Para meu amigo Amauri, agradeço pela ajuda acadêmica, por ser meu amigo sempre que preciso de você, sendo um pesquisador maravilhoso, um docente magnífico, serei eternamente grata pela ajuda antes e durante a pesquisa. Não poderia deixar de agradecer o meu amigo/irmão Vitor Lemos, um intérprete

maravilhoso, a quem tive a honra de poder participar da sua vida acadêmica e profissional, obrigada pelos conselhos nos dias difíceis e por estar nos dias alegres, minha eterna gratidão, mais grata ainda por estar interpretando minha defesa.

Para minha amiga ciumenta Luciana Monteiro, obrigada pelos incentivos, puxões de orelha e por acreditar em mim, grata sempre pelos conselhos e por ser essa mulher dedicada, também amo você. À minha amiga Roseli por ser essa mulher incrível, que esteve ao meu lado durante dias difíceis e feliz, pesquisadora que compartilhou estudos e acreditou na minha pesquisa, meu muito obrigada. À minha flor de Lotus Linsis, obrigada pelo ombro amigo, pelas caronas para a universidade e por tirar risadas nos dias não tão bons, muito obrigada.

Aos docentes do Mestrado em Letras, Patrícia, Lucas, Élcio, João Carlos, Quesler, muito obrigada pelo conhecimento, vocês são maravilhosos no que fazem, aprendi muito com cada um de vocês. À minha orientadora, Marília Pimentel, devo minha gratidão por ter aceitado o desafio de orientar fora da sua zona de conforto, obrigada pelas aulas de linguística, gratidão por ter ouvido minhas dúvidas, pelos conselhos amigos, serei eternamente grata.

Para as minhas amigas de Mestrado, Márcia e Fernanda, obrigada pelos trabalhos juntas, por terem proporcionado tantas trocas de conhecimento, pelos conselhos e ajuda nos dias difíceis de pandemia, vocês são especiais em minha vida.

Aos meus colegas intérpretes, Vitor, Vinicius e João Xavier, muito obrigada por proporcionarem neste dia especial, que meu conhecimento seja visto por suas mãos para a comunidade surda, vocês são grandes na interpretação, obrigada por promover acessibilidade aos meus amigos e familiares.

Para os meus sogros, muito obrigada por me terem como filha, serei grata pelo acolhimento e por estarem sempre me apoiando, à minha cunhada Monalisa pelo carinho e incentivo, meu muito obrigada.

Finalizo meus agradecimentos com o peito cheio de gratidão ao meu esposo, companheiro, amigo, Cristiano Oenning, obrigada meu amor por estar na minha vida, por me incentivar, pelo cuidado, carinho e amor comigo, por fazer os dias ruins se tornarem bons, por cuidar de nossas filhas Sofia e Isabella nas noites em que tive que estudar, por acreditar no meu trabalho e proporcionar uma família linda, você faz parte desta pesquisa, amo você.

Dedico esta dissertação a minha avó que me criou como filha, dando amor, carinho e conhecimento. Muito cedo partiu para a eternidade, não podendo estar em vida vendo a finalização de minha conquista, obrigada por tudo. Em memória de Irene de Araújo Martins.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo realizar uma análise fonomorfológica na Libras, utilizando para descrição a técnica de comutação, para a realização da grafia dos sinais foi usada uma das escritas da língua de sinais, neste caso o *SignWriting* para demonstrar essa equivalência. O direcionamento linguístico foi realizado por descrição de como são produzidos os sinais, ao serem grafados em *SignWriting*, se é visível essa modificação da Libras, assim como na Língua Portuguesa. Para as discussões teóricas e desenvolvimento do corpo do texto buscou-se realizar momentos com vieses diferenciados. Para relacionar a área da Libras com a história da língua de sinais, recorreremos a Frydrych (2013) e Quadros e Karnopp (2004), para a fonética da Libras aboiamo-nos em Karnopp (1999), Ferreira (2010), para a Morfologia contamos com Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019), para a realização do referencial teórico que trata sobre o uso e grafia do *SignWriting* resgatamos os estudos de Stumpf (2005) Barreto e Barreto (2015), Carneiro (2017) e Nascimento (2018), para a comutação, Saussure (2006), Souza e Crestani (2017) e Guérios (2010). A construção do *corpus* buscou abordar a história da língua de sinais, Fonologia e Morfologia da Libras, Comutação e Escrita da língua de sinais. A metodologia da pesquisa tem natureza básica, de princípio descritivo e abordagem qualitativa, enquanto o procedimento é uma pesquisa documental por realizar análise em informações que não tiveram nenhuma verificação científica. Para verificação se ocorre a modificação ao realizar a grafia, foi selecionado o campo de História com os sinais de Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea, no campo de Língua Portuguesa dividido em dois grupos: (1) Morfológico com os sinais: Morfema, derivação, flexão e radical e (2) Morfossintático: Adjetivo, advérbio, substantivo e verbo, totalizando doze sinais. Após o registro apresentado procedemos a análise fonológica e fonomorfológica dos sinais em *SignWriting* e a identificação morfológica dos grupos. Como resultado identificou-se que nos sinais ao serem descritos é possível a identificação dos morfemas, nos quais os grupos selecionados apresentam morfemas presos. No campo semântico História e Língua Portuguesa (Gramática), os morfemas se tornam presos, pois de forma isolada não formam um sinal, nessa regra eles são sufixais. No campo semântico Língua Portuguesa (Morfologia), o morfema base é livre, pois sozinho tem significado e o sufixo é um morfema preso.

Palavras-Chave: Fonomorfologia; Comutação; SignWriting; Libras.

ABSTRACT

The research aims to carry out a phonomorphological analysis in Libras, using the commutation technique for the description, for the realization of the spelling of the signs, one of the sign language writings was used, in this case SignWriting to demonstrate this equivalence. The linguistic direction will be carried out by describing how the signs are signaled, when they are written in SignWriting, if this modification of Libras is visible as well as in the Portuguese language. For the theoretical discussions and development of the body of the text, moments with different bias were sought, in which to relate the Libras area with the history of sign language, authors such as: Frydrych (2013) and Quadros and Karnopp (2004) were used. , for Libras phonetics will be Karnopp (1999), Ferreira (2010), for Morphology Quadros and Karnopp (2004), Quadros (2019), for the realization of the theoretical framework that reports on the use and spelling of SignWriting Stumpf (2005) Barreto and Barreto (2015), Carneiro (2017) and Nascimento (2018), for switching, Saussure (2006), Souza and Crestani (2017) and Guérios (2010). of signs, Phonology and Morphology of Libras, Commutation and Sign Language Writing. The research methodology has a qualitative approach, of a basic nature, with a descriptive principle, while the procedure is a documentary research by performing analysis on information that has not had any scientific verification. To verify if the modification occurs when performing the spelling, the field was selected of History with the signs of: Ancient Age, Middle Age, Modern Age and Contemporary Age, in the field of Portuguese Language divided into two groups: first Morphological with the signs: Morpheme, derivation, inflection and radical, in the field of Grammar: Adjective, adverb , noun and verb., totaling twelve signs, after the registration presented a phonological and phonomorphological analysis of the signs in SignWriting and the morphological identification of the groups. As a result, he identified that the signs, when being described, it is possible to identify the morphemes, in which the selected groups have a morpheme attached to History and Portuguese Language (Grammar) the morphemes become attached because in isolation they do not form a sign, in this rule they are suffix. In the Portuguese language semantic field (Morphology) the base morpheme is free because it alone has meaning and the suffix is a trapped morpheme.

Keywords: Phonomorphology; Switching; SignWriting; Libras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exemplo de Configuração de Mão em U.....	24
Figura 2	Exemplo do Sinal USAR.....	24
Figura 3	Parâmetros primários da língua de sinais.....	25
Figura 4	Configurações como base nas letras da língua oral.....	26
Figura 5	Configurações de Mão propostas por Ferreira-Brito.....	27
Figura 6	Pontos de articulação na Libras.....	28
Figura 7	Principais locações.....	29
Figura 8	Movimentos de contorno ou forma geométrica.....	31
Figura 9	Orientação de mão.....	33
Figura 10	Expressões não-manuais: rosto.....	34
Figura 11	Expressões não-manuais: cabeça.....	34
Figura 12	Expressões não-manuais: tronco.....	35
Figura 13	Exemplo dos sinais CADEIRA e SENTAR.....	38
Figura 14	Exemplo dos sinais FERRO e PASSAR-COM-FERRO.....	38
Figura 15	Exemplo do sinal ESTUDAR.....	40
Figura 16	Exemplo do sinal SEMANA-2.....	41
Figura 17	Exemplo dos sinais DIA-1, DIA-2 e DIA-3.....	41
Figura 18	Exemplo do sinal TRABALHAR-NÃO.....	42
Figura 19	Exemplo do sinal LEMBRAR-NÃO.....	43
Figura 20	Exemplo do sinal NÃO-TER.....	44
Figura 21	Exemplo do sinal NÃO-QUERER.....	44
Figura 22	Exemplo do sinal SEMANA.....	45
Figura 23	Desinências número-pessoais.....	47
Figura 24	Desinências modo-temporais.....	48
Figura 25	Raiz ou semantema de verbos.....	48
Figura 26	Exemplo de comutação: Limpíssimo.....	48
Figura 27	Exemplo do sinal AVIÃO.....	50
Figura 28	Exemplo do sinal FAMÍLIA.....	50
Figura 29	Exemplo do sinal MESA.....	51
Figura 30	Exemplo do sinal CONVERSAR.....	52
Figura 31	Exemplo do sinal PROFESSOR.....	53
Figura 32	Exemplo do sinal AZUL.....	54
Figura 33	Eixo sintagmático e paradigmático em <i>infelizmente</i>	56
Figura 34	Eixo sintagmático e paradigmático.....	57
Figura 35	Combinações paradigmáticas e sintagmáticas.....	58
Figura 36	Exemplo do sinal LEVANTAR-PESO.....	61
Figura 37	Exemplo do sinal DURO.....	61
Figura 38	Exemplo do sinal SAÚDE.....	62
Figura 39	Configurações de mão e braço.....	64
Figura 40	Configurações de mão.....	65
Figura 41	Configurações de palma da mão.....	66
Figura 42	Símbolos de configurações de mão sem especificação.....	66
Figura 43	Posição de contato.....	67
Figura 44	Movimentos.....	68
Figura 45	Tipos de contato.....	68
Figura 46	Exemplo do sinal UNIR.....	69
Figura 47	Movimentos dos dedos.....	69
Figura 48	Exemplo do sinal ACRE.....	69

Figura 49	Retas plano parede.....	70
Figura 50	Exemplo do sinal MESTRADO.....	70
Figura 51	Retas plano diagonal.....	70
Figura 52	Exemplo do sinal SONHAR.....	71
Figura 53	Retas plano chão.....	71
Figura 54	Exemplo do sinal NOVO.....	71
Figura 55	Curvas Planas no Plano Parede.....	72
Figura 56	Exemplo do sinal CARACTERÍSTICA.....	72
Figura 57	Curvas que batem no plano parede.....	72
Figura 58	Exemplo do sinal SUSTO.....	73
Figura 59	Curvas que batem no plano chão.....	73
Figura 60	Exemplo do sinal SUCESSO.....	73
Figura 61	Curvas Paralelas ao Plano Chão.....	74
Figura 62	Exemplo do sinal LETRAS-LIBRAS.....	74
Figura 63	Círculos.....	74
Figura 64	Exemplo do sinal DOMINGO.....	75
Figura 65	Dinâmicas e tempo.....	75
Figura 66	Exemplo do sinal RÁPIDO.....	75
Figura 67	Cabeça.....	76
Figura 68	Testa, olhos e sobrancelha.....	77
Figura 69	Bochechas, Orelhas, Nariz e Respiração.....	77
Figura 70	Boca e Lábios.....	77
Figura 71	Dentes, Língua e Pescoço.....	78
Figura 72	Tronco.....	78
Figura 73	Membros.....	79
Figura 74	Pontuação.....	79
Figura 75	Exemplo de pontuação: QUAL SEU NOME?.....	79
Figura 76	Disposição da escrita de Sinais em colunas.....	80
Figura 77	Sinais selecionados.....	85
Figura 78	Campo semântico de História.....	86
Figura 79	Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfologia).....	86
Figura 80	Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfofossintaxe).....	87
Figura 81	Campo semântico de História.....	87
Figura 82	Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfologia).....	88
Figura 83	Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfofossintaxe).....	89
Figura 84	Descrição Fonomorfológica do campo semântico de História.....	90
Figura 85	Descrição Fonomorfológica do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfologia).....	91
Figura 86	Descrição Fonomorfológica do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfofossintaxe).....	91
Figura 87	Comutação do campo semântico de História.....	92
Figura 88	Comutação do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfologia).....	93
Figura 89	Comutação do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfofossintaxe).....	93
Figura 90	Descrição fonomorfológica dos campos semânticos de História e Língua Portuguesa.....	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1	HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS.....	18
2.2	FONOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS.....	23
2.2.1	Configuração de Mão.....	26
2.2.2	Locação ou Ponto de Articulação.....	28
2.2.3	Movimento.....	30
2.2.4	Orientação da Mão.....	33
2.2.5	Expressão Facial e Corporal.....	33
2.3	MORFOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS.....	36
2.3.1	Morfemas na Libras.....	37
2.3.2	Fonomorfologia na Libras.....	44
2.3.3	Comutação na Libras.....	46
2.4	SINTAGMA E PARADIGMA.....	55
2.4.1	Sintagma.....	55
2.4.2	Paradigma.....	56
2.5	ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS – <i>SIGNWRITING</i>	58
2.5.1	Escrita de Sinais e suas propriedades.....	60
2.5.2	Estrutura do <i>SignWriting</i>.....	63
2.5.2.1	Configuração de mão e braço.....	64
2.5.2.2	Movimento.....	67
2.5.2.3	Expressão Facial e Corporal.....	76
2.5.2.4	Pontuação.....	79
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	82
3.1	CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	82
3.2	ABORDAGEM DE ANÁLISE.....	82
3.3	OBJETIVOS.....	82
3.3.1	Geral.....	83
3.3.2	Específicos.....	83
3.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	83
3.5	PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	83
4	ANÁLISE E RESULTADOS.....	85
4.1	ANÁLISE.....	85
4.1.1	Etapa 1.....	86
4.1.2	Etapa 2.....	87
4.1.3	Etapa 3.....	90
4.1.4	Etapa 4.....	92
4.2	RESULTADOS.....	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
	REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida enquanto língua há vinte anos no Brasil. No entanto, ainda há muito por fazer, existem poucos pesquisadores da região Norte que estudam e pesquisam temas relacionados que vão ao encontro do aqui proposto, bem como há poucas publicações a respeito. A língua de sinais exerce uma grande importância para a comunicação entre os surdos, surdos e ouvintes. Sem a Libras, a inclusão dos Surdos como membros da sociedade se torna limitada, dificultando para que possam exercer seus direitos de cidadãos.

A Língua de Sinais é viva, passa constantemente por transformações, seus usuários modificam-na e a adaptam ao meio, surgindo, assim, novas pesquisas tentando compreender o seu funcionamento e suas modificações. Estudar a Libras nunca cessa. Os estudos relacionados à gramática, à cultura e ao ensino contribuem para o crescimento e fortalecimento da língua dos surdos brasileiros e da comunidade surda de modo geral.

Segundo Frydrych (2013, p. 18), William Stokoe em 1960 foi considerado “o pai da linguística das línguas sinalizadas” e o primeiro estudioso a defender que a Língua Americana de Sinais, na verdade, uma língua natural, e que deveria ser estudada como qualquer língua pela linguística, visto que a língua de sinais segue princípios de organização estrutural, assim como as línguas orais. Com o intuito de sustentar sua hipótese, ele revelou que os sinais possuíam semelhanças gramaticais como ocorre com os itens lexicais das línguas orais.

Stokoe (1960) *apud* Xavier (2006, p. 13) demonstrou em suas pesquisas, que os sinais são semelhantes às palavras nas línguas orais, que são estruturados em unidades menores de três tipos: a configuração de mão, localização e movimento, que são denominados de parâmetros primários. Com o decorrer das pesquisas foram acrescentados outros dois parâmetros, a orientação e a expressão corporal e/ou facial, o que configura o nível fonológico da língua de sinais.

A configuração de mão é a forma que a mão assume ao realizar um sinal. Localização, também conhecida atualmente como ponto de articulação, é o local do corpo, ou próximo de onde o sinal é realizado. Quanto ao movimento, como a maioria dos sinais “não é estática, eles podem apresentar formas diferentes de movimentos” tais como circular, linear, para frente, para trás entre outros. Por orientação, entende-se que é a direção da palma da mão ao realizar um sinal. A expressão corporal e/ou

facial são expressões não manuais que estão relacionadas aos sentimentos, podem definir alguns sentidos das frases sinalizadas, pois definem a entonação das frases (Felipe, 2008).

Além dos parâmetros fonológicos, a Libras possui todos os outros aspectos gramaticais apresentados nas demais línguas, tais como Morfologia, Sintaxe e Semântica, cada um com suas riquezas e complexidades. Felipe (2008) aponta que a Língua Brasileira de Sinais apresenta estrutura gramatical própria com os mesmos elementos construtivos da construção gramatical da língua oral. A Libras possui estruturas linguísticas que fazem parte da língua tais como: aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica com base na linha de pesquisa de estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens, com foco na descrição formal da língua em específico a linguística com teorias já existentes, isso no âmbito do Mestrado Acadêmico em Letras (ML) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

No ano de 2007, ao ingressar na Universidade Federal do Acre (Ufac), no curso de licenciatura em História, durante a realização do curso os alunos necessitavam fazer horas complementares, nesse período o Núcleo de Apoio à Inclusão – NAI, ofereceu cursos. Ao realizar a inscrição do curso, imaginei que seria de Braile, ao chegar em sala de aula descobri que era Libras. Nesse período, pouco se falava sobre Libras ou até mesmo sobre pessoa surda na Ufac, pois não havia surdos na instituição.

Ao terminar o curso de extensão de Libras na Ufac, comecei um estágio na Biblioteca Pública do Estado do Acre, no local havia uma estagiária surda, que me auxiliou nos sinais que tinha dúvida ou desconhecia, bem como me incentivou para me comunicar com os surdos que frequentavam o espaço. Paralelo ao estágio e aos estudos acadêmicos, dei continuidade aos estudos da Libras em cursos oferecidos pelo Estado, logo em seguida comecei a me relacionar com um surdo e fui, dessa forma, inserida na comunidade surda.

Em 2010 comecei os trabalhos voluntários na igreja como intérprete de Libras nos cultos, paralelo aos trabalhos concluí a graduação e iniciei uma pós-graduação em Libras. Ao concluir, comecei a trabalhar no Estado como tradutora-intérprete de Libras nas escolas. No ano seguinte, trabalhei no Centro de Apoio ao Surdo (CAS/AC), na função de capacitadora de Tilsps realizando cursos de Libras para a comunidade

geral. No ano de 2012, fui para Belo Horizonte, atuando como intérprete de Libras em instituições como PUC/MG, Feneis e em escola, esses espaços me proporcionaram experiências que contribuíram na profissão de tradutora-intérprete de Libras.

Ao ingressar em 2014, na Ufac, como Tradutora-Intérprete de Libras, sendo lotada em específico no Curso de Letras Libras, aperfeiçoei-me na gramática, na cultura e no ensino da Libras, pois o contato era direto com docentes com especialização na área, aprendi o *SignWriting*, escrita essa com a qual me identifiquei. Por ser uma instituição superior que trabalha com o Ensino, Pesquisa e Extensão, fui impulsionada a participar de extensão promovendo a Libras na universidade. Durante as aulas de Morfologia da graduação de Letras Libras surgem algumas inquietações que me levaram a querer pesquisar sobre seu funcionamento na Libras, neste percurso fui realizando um aprofundamento na língua.

Ao ser redistribuída para Universidade Federal de Rondônia (UNIR), esse leque de conhecimento se expandiu, trabalhando no Departamento de Libras (Dlibras), tive a oportunidade de lecionar no curso de Letras Libras bem como dar continuidade em extensões de Libras ensinando a cultura surda, a gramática e a escrita de sinais. Na Unir pude pesquisar, trocar ideias com professores da área e sendo impulsionada em realizar esta pesquisa de análise morfológica da Libras usando o *SignWriting*, sendo feita uma descrição fonomorfológica de como acontece na sinalização e na escrita. Por querer entender como funciona a língua e como ela é grafada esta pesquisa surge com esse viés temático.

Assim, este estudo tem como problema de pesquisa: Como a comutação auxilia na análise fonomorfológica? É possível identificar os morfemas presos com a comutação? De que forma o *SignWriting* contribuiu para a realização da análise fonomorfológica?. Como objetivo geral proponho realizar uma análise fonomorfológica na Libras, utilizando para descrição a técnica de comutação, como registro foi usada umas das escritas da língua de sinais, neste caso o *SignWriting* para demonstrar essa equivalência. Os objetivos específicos são (1) descrever como acontece a comutação na Libras, (2) registrar os sinais selecionados do campo semântico da História e da Língua Portuguesa, (3) apresentar e analisar como acontece a fonomorfologia no léxico selecionado e como o método de comutação ajuda na identificação dessa mudança.

A metodologia da pesquisa é de natureza básica, de princípio descritivo, com uma abordagem qualitativa, enquanto nos procedimentos é uma pesquisa documental por realizar análise em informações que não tiveram nenhuma verificação científica.

Para a construção dos pressupostos teóricos buscamos autores que estudam a gramática da língua de sinais, como Quadros e Karnopp (2004, p. 47) que explicam sobre a “fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológico, propondo modelos descritivos e explanatórios”, sendo esse um tema fundamental para a construção da pesquisa. Ferreira (2010) por ser uma pesquisadora pioneira sobre a Língua de Sinais no Brasil e ser referência de outros pesquisadores e por contribuir com suas produções gramaticais da Libras.

Outros autores como Barreto e Barreto (2015), por trazerem uma organização estruturada de como realizar a grafia da Língua de Sinais de forma clara e objetiva com base de estudos da criadora de escrita de sinais Valerie Sutton, assim como dissertações de Stumpf (2005) e Nascimento (2018) que demonstraram metodologias de como ensinar português para surdos usando o sistema de escrita de sinais (*SignWriting*).

Para as discussões teóricas e desenvolvimento do corpo do texto buscou-se realizar momentos com vieses diferenciados, para relacionar a área da Libras com a história da língua de sinais, buscamos Frydrych (2013) e Quadros e Karnopp (2004); Karnopp (1999) e Ferreira (2010) para a fonética da Libras; Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (2019) para a Morfologia; Stumpf (2005), Barreto e Barreto (2015), Carneiro (2017) e Nascimento (2018) para a realização do referencial teórico que relata sobre o uso e grafia do *SignWriting*. Como a utilização do método de comutação como foco na pesquisa, referenciou-se com base estruturalista Saussure (2006), Souza e Crestani (2017) e Guérios (2010).

A pesquisa contribuiu significativamente no âmbito pessoal, por legítima a existência enquanto estudiosa da língua no campo acadêmico, pois o que seria apenas um sonho se transformou em realização, conquistar uma pós-graduação pública e com qualidade pesquisando o que pratico, neste caso a Libras. Assim, a pesquisa contribui para acrescentar conhecimento na área da linguística, sendo direcionada à morfologia da Língua de Sinais, em específico a Libras, pois há poucas pesquisas na área da fonomorfologia que permeiam por esse campo semântico da história e da Língua portuguesa para esse tipo de análise, bem como utilizar o

SignWriting. Dessa forma, poderá contribuir para novos pesquisadores, bem como acrescentando conhecimento à comunidade surda que necessita de novas pesquisas inovadoras e que acrescente conhecimento na área da fonomorfologia por meio da utilização da escrita de sinais, outra área que contribui significativamente é na da educação de surdos, por trazer fatores históricos pertencentes à Língua de Sinais.

Para a organização deste trabalho, a apresentação está dividida em seções, que se estruturam nesta introdução, na fundamentação teórica, seguida da metodologia, análise e resultados e a conclusão. A estrutura planejada nesse formato de forma cronológica da gramática da língua para o sistema de escrita e a partir desse ponto produzir a metodologia para a produção da análise.

A partir desta introdução, a segunda seção foi organizada com a história da Língua de Sinais, com sua gramática, sendo pontuada a fonologia da Libras, a morfologia, a técnica de comutação junto com os níveis sintagmáticos e paradigmáticos da língua oral para a língua de sinais, dando continuidade à seção a escrita da língua de sinais – *SignWriting*. O *corpus* selecionado se torna importante para a construção da análise, pois ao realizar a descrição fonomorfológica e utilizando o processo de comutação evidencia-se a fonologia e morfologia da língua de sinais e a comutação. A escrita de sinais é um sistema muito utilizado por pesquisadores e que está em avanço por ser um mecanismo de registro que mais se aproxima da língua de sinais na medida que transpõe a sinalização ao papel.

Na seção seguinte se encontra a metodologia da pesquisa, a qual tem por objetivo descrever o passo a passo utilizado no desenvolvimento da pesquisa, quais os materiais utilizados para a elaboração do *corpus* e a realização das análises. O estudo em questão se trata de uma pesquisa documental que necessitou da utilização de vídeos para realização da análise, sendo possível identificar os objetivos desta pesquisa. Essa seção terá o *SignWriting* como método de registro dos sinais, que foram utilizados na análise para identificar e demonstrar como ocorre a comutação e para a descrição fonomorfológica.

Na quarta seção apresentamos a análise e os resultados relacionados desta pesquisa. Os resultados demonstram que a utilização de método de comutação e a descrição fonomorfológica deixa visualmente mais claro como ocorre o fenômeno na Libras, isso contribui significativamente no conhecimento de novos pesquisadores da linguística, legitimando a importância do uso do *SignWriting* na Libras, assim como

auxiliando a comunidade surda em adquirir novas informações relacionadas a sua língua.

Assim, a dissertação por ser uma pesquisa documental baseou-se em análise das informações descritas fonomorfologicamente, pesquisa essa que iniciou na academia, porém não cessa novos campos semânticos, ainda não explorados, com novos olhares de interpretação, pois o leque de léxico é imenso e incessante. Esperamos que novos pesquisadores tenham esta dissertação como alicerce para dar continuidade a novas teorizações, permitindo que a comunidade surda seja beneficiada com novos conhecimentos científicos da Libras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos os fundamentos teóricos que deram sustentação às descrições e às análises da pesquisa. Inicialmente, será tratada a história da língua de sinais para, em seguida focar nos aspectos estruturais da Libras no âmbito da fonologia, da morfologia, da comutação e da escrita de sinais.

2.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS

As Línguas de Sinais existem desde que a pessoa surda necessitou de um processo de comunicação para realizar a interação entre seus pares sensoriais sem oitiva, escritos mostram a presença da pessoa surda em documentos como a Bíblia Sagrada. Marcos 7:32 aponta que “ trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente; e rogaram que pusesse a mão sobre ele”, nesta passagem bíblica e em outras é possível identificar a pessoa surda, mas não se fala sobre o uso da língua de sinais. Durante muitos séculos, a língua de sinais não tinha nenhum reconhecimento enquanto língua, tratada como gestos, mímicas ou pantomima. Assim, os usuários dos sinais não tinham reconhecimento linguístico, muitas vezes tidos como macacos e motivos de chacotas.

Muitos filósofos comentam sobre a presença da pessoa Surda, como Aristóteles (Maia; Veloso, 2009, p. 28) acreditava que pelo fato de não ouvir não tinha nenhuma concepção ideológica, “[...] de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento [...]”, portanto, os nascidos surdos se tornaram insensatos e naturalmente incapazes de razão”. Aristóteles desacreditava na possibilidade de aprendizagem da pessoa surda devido à limitação da audição, esse discurso se perpetuou durante um longo período, porém os surdos aos poucos foram ganhando espaço, sendo reconhecidos na sociedade por meio de pessoas que contribuíram significativamente com as pessoas surdas. Como exemplo, Pedro Ponde de Léon (Maia; Veloso, 2009, p. 30), sendo considerado o pioneiro na educação de surdos, seu objetivo foi em ensinar as pessoas surdas a ler e a escreve, e desenvolveu o alfabeto manual para realizar a soletração das palavras.

Outro ícone da educação de surdos é Charles Michel L'Épée, pois foi um “dos primeiros estudiosos sérios sobre a língua de sinais. Defendia que a língua de sinais constitui a linguagem natural dos surdos e que é um verdadeiro meio de comunicação

e de desenvolvimento do pensamento” (Maia; Veloso, 2009, p. 30). Uma presença marcante é a de Thomas Hopkins Gallaudet, que aprendeu a língua de sinais com Laurent Clerc, sendo ele surdo, assim os dois se uniram e criaram a “primeira escola permanente para surdos dos Estados Unidos, [...]” para educação e ensino de pessoas surdas. O sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas [...], segundo Maia e Veloso (2009, p. 39). Durante algum tempo a instituição permaneceu como escola, atualmente é a renomada Universidade Gallaudet. Com o uso constante da língua de sinais nas escolas para surdos a comunidade surda começa a ganhar espaços não conquistados.

Após tantas conquistas, ao longo dos séculos, pode-se dizer que acontece uma ruptura linguística com o Congresso de Milão, evento este que transformou o formato da educação de surdos no mundo.

O congresso de Milão que aconteceu em 1880, tinha como objetivo discutir questões sobre a educação de surdos no mundo, na qual havia representantes de vários países, sendo todos ouvintes e apenas um surdo que não teve direito ao voto e à voz. As pessoas que lá estavam formalizaram a superioridade oralista, levando ao retrocesso na língua de sinais. Esse pensamento retoma a afirmação de Aristóteles de que “[...] a fala viva é o privilégio do homem, o único e correto veículo do pensamento, a dádiva divina, da qual foi dito verdadeiramente: a fala é a expressão da alma, como a alma é a expressão do pensamento divino” (Maia; Veloso, 2009, p. 45). Com esses pensamentos oralistas “a língua de sinais, em todas as suas formas, foi proibida oficialmente, estigmatizada alegando-se que ela destruía a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são “preguiçosos” para falar, preferindo usar a língua de sinais” (Maia; Veloso, 2009, p. 45).

Após o Congresso de Milão, em 1880, o oralismo se torna presente em todos os países, o uso dos sinais não eram permitidos. Conforme Maher *apud* Frydrych (2013, p. 22), “a sinalização vinha sendo vista, até aquele tempo, como um tipo de pantomima ou Inglês deformado nas mãos – algo sem uma estrutura interna, ou coerência, ou regras, algo bem distante do nível de língua”. Com esse Congresso, o retrocesso linguístico se fez presente, o que poderia ter evoluído se quebrou, pois o oralismo naquele momento seria a única forma de ensinar o aluno surdo.

Com a proibição do uso dos sinais em sala de aula, durante muitos anos acreditou-se que os surdos não utilizariam a sinalização para a comunicação, mas eles, de forma escondida com seus pares linguísticos, usavam os sinais.

Durante muitos anos essa perpetuação do oralismo permaneceu, os surdos eram obrigados a fazer exercícios para realizarem a fala de forma incessante, mas muitas vezes frustrados por utilizar como único método a oralização. Com o passar dos anos, a sinalização foi ganhando força, mesmo com as proibições, citamos como referência o libertador da língua de sinais Willian Stokoe.

Quando se fala sobre Língua de Sinais não há como não lembrar de Willian C. Stokoe, pesquisador que emergiu na língua, se tornando “pai da língua de sinais americana, e em decorrência de sua grande contribuição aos estudos sobre essa língua, não raro é considerado o pai das línguas de sinais como um todo” (Frydrych, 2013, p. 18). O pesquisador legitimou a Língua de Sinais Americana e, em consequência, as demais línguas de sinais. Antes desse patamar de reconhecimento era uma marginalização linguística, pois surgem diversos pesquisadores tentando explicar sinalários e/ou alfabetos manuais, mas para o reconhecimento e classificação linguística, Stokoe realizou todo o processo, por essa questão tem o brilhantismo de ser considerado o pai da língua de sinais. Stokoe nunca havia tido noção sobre língua de sinais antes de entrar na Universidade Gallaudet, logo depois se torna docente, nota a presença de usuários da língua que até então era tida apenas como linguagem.

Antes de Stokoe houve diversos pesquisadores que registraram alfabetos manuais, sinalários, mas nada concreto como uma gramática. Assim, em 1960, Stokoe foi o primeiro a registrar de forma sistemática a gramática da língua. Ele tentou entender como a língua funcionava, seu “estudo da comunicação e dos métodos de ensino seria consequência desse entendimento. Ele buscava esquadrinha o que era basilar à comunicação: a estruturação e sistematização da língua de sinais” (Frydrych, 2013, p. 29-30). Quadros e Karnopp (2004) afirmam como Stokoe organizou a estrutura linguística:

Stokoe propôs um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais e propôs a decomposição de sinais na ASL em três principais aspectos ou parâmetros que não carregam significados isoladamente, a saber: a. Configuração de mão (CM). B. Locação da mão (L) [...] sendo usado aqui como sinônimo de Ponto de Articulação (PA). C. Movimento da mão (M) (Quadros; Karnopp, 2004, p. 48).

Para a realização os estudos em torno dos sinais, Stokoe descobriu que “a maioria dos sinais sintáticos da língua de sinais dos alunos vinha da face, da cabeça, e do movimento dos olhos, e não das mãos” (Maher *apud* Frydrych, 2013, p. 23).

Nenhum outro autor havia realizado tal artimanha, sendo algo inédito, assim Stokoe fez história na língua de sinais como afirma Frydrych (2013, p. 30),

[...] as reflexões linguísticas de Stokoe sobre essa estruturação da língua de sinais. Ele a organiza da seguinte maneira: primeiramente, ele busca o que seria, na língua de sinais, correspondente ao funcionamento fonético nas línguas orais; em segundo lugar, ele faz uma análise desse funcionamento bem como da estrutura correspondente ao nível fonêmico; finalmente, a partir da elaboração de uma lista de morfemas, considerando a estrutura morfêmica dos sinais, ele delinea os procedimentos utilizados para a análise da morfologia e da sintaxe das línguas de sinais.[...] Stokoe inicia suas análises pelos morfemas.

Assim, Stokoe descreve que o sinal pode ser um morfema, que seria a menor unidade com significado. Stokoe *apud* Frydrych (2013, p. 30-31) afirma o seguinte:

O sinal claramente é, como o morfema, a menor unidade da língua que possui significado. Isto é, [...] o significado reside, não na configuração, na posição, ou no movimento, mas na combinação única dos três. O sinal-morfema, no entanto, diferentemente da palavra, não é visto como sequencialmente, mas como simultaneamente produzido. [...] Os aspectos do sinal que parecem ter a mesma ordem de prioridade que os fonemas segmentais da cadeia falada, são os aspectos configuração [de mão], posição ou locação, e movimento¹ (Stokoe, 2005, p. 20).

Ao descrever a segmentação de como se realizam os sinais, temos a fonética da língua, Quadros e Karnopp (2004, p. 49) colocam que “CM, L e M são unidades mínimas (fonemas) que constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais”.

Após sua pesquisa ser divulgada e reconhecida, outros pesquisadores da língua tiveram como referência seu trabalho e buscaram conhecer de forma mais aprofundada como a língua funcionava. Assim, o campo de estudo teve adeptos para colaborar e enriquecer a língua. Essas contribuições foram incorporadas e deixaram a língua um tanto grandiosa. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que,

Análises das unidades formacionais dos sinais, posteriores à de Stokoe, sugeriram a adição de informações referentes à orientação da mão (Or) e aos aspectos não-manuais dos sinais (NM)-expressões faciais e corporais

¹ No original: The sign clearly is, as the morpheme, the smallest unit of the language to which meaning attaches. That is, [...], the significance resides, not in the configuration, the position, or the movement but in the unique combination of all three. The sign-morpheme, however, unlike the word, is seen to be not sequentially but simultaneously produced. [...] The aspects of the sign which appear to have the same order of priority and importance as the segmental phonemes of speech are the aspects of configuration, position or location, and motion.

(Battison, 1974, 1978). Esses dois parâmetros foram, então, adicionados aos estudos da fonologia de sinais (Quadros; Karnopp, 2004, p. 49).

Com a pesquisa de Stokoe concretizada, havia apenas três parâmetros nas línguas de sinais que é a Configuração de Mão, Localização ou Ponto de Articulação e o Movimento, nas contribuições de Battison (1978) “acrescentou a orientação da palma da mão como unidade distintiva na ASL às unidades estabelecidas por Stokoe”. Sandler (2011) identificou também que os sinais apresentam apenas um movimento, a língua de sinais ganhou dois novos parâmetros ou fonemas assim dizendo, segundo Quadros (2019, p. 42). Assim, a língua de sinais é dividida em parâmetros primários desenvolvidos por Stokoe e os secundários por Battison e Sandler.

Stokoe ao realizar sua pesquisa tenta diferenciar a língua de sinais das línguas orais descrevendo os fonemas como quirema². Stokoe publica sua pesquisa e isso impulsiona outros trabalhos a serem desenvolvidos pelo mundo. “No Brasil, décadas mais tarde, também pesquisadores se dedicaram ao estudo linguístico e gramatical da língua brasileira de sinais” (Frydrych, 2013, p. 33).

As línguas de sinais e as comunidades surdas brasileiras há um bom tempo já vem sendo objeto de estudo no meio acadêmico em diversas áreas e níveis de especialidades. Os primeiros estudos datam da década de 80. Lucinda Ferreira-Brito, por exemplo, em 1982, iniciou seus estudos sobre a língua de sinais dos índios Urubu-Kaapor, uma língua de sinais específica daquele grupo indígena, compartilhada e usada por todos os integrantes da tribo, situada ao sul do Maranhão, incluindo seus pares ouvintes. Depois, dedicou-se a analisar a estruturação da Libras, e propôs uma gramática da língua de sinais (FERREIRA-BRITO, 1995). Alguns anos mais tarde, destacaram-se os trabalhos de Quadros (1995, 1999) e Karnopp (1994, 1999), sobre aspectos da aquisição da língua de sinais.

Mediante essas pesquisas, hoje somos rodeados de trabalhos voltados para a Libras, pesquisas que contribuem significativamente para a comunidade surda, enriquecendo cada vez mais a língua. Apesar de todas essas contribuições, a Libras só foi reconhecida a partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, “reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais” (Brasil, 2002), e com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual “regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Brasil, 2005). A Lei que legitima a Libras juntamente com o decreto explica

² Quirema é o termo equivalente à fonema, em se tratando das línguas de sinais. Stokoe, lançando mão do termo grego kirios, que significa mão, dedicou-se a estudar o que ele denominou de quirologia – estudo fonológico das línguas de sinais.

que “Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002). Hoje os sinais realizados de forma sequencial com significado linguístico se tornaram uma língua, com sua gramática própria, por ser uma língua visual-espacial cujo meio de obtenção de informação é pelos olhos, ou seja, com os sinais.

Por esta pesquisa estar voltada para a análise fonomorfológica, discutiremos sobre a fonologia e a morfologia da Libras, para o embasamento da análise gramatical dos sinais.

2.2 FONOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS

A fonética e a fonologia estudam as pequenas partes da língua, como a língua funciona de forma isolada, tentando entender como cada sinal é realizado (Quadros; Karnopp, 2004, p. 81), para isso realiza uma análise detalhada de como ocorrem as mudanças de significado na realização de determinados sinais. A fonologia estuda os parâmetros da língua de sinais e essas “unidades mínimas da fonologia são os fonemas que, por convenção, são representados entre barras inclinadas / /, também nas línguas de sinais” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 82). O que ocorre é que pode acontecer dois sinais ou mais terem os mesmos parâmetros, modificando apenas um desses modifica-se o seu significado.

Para falar sobre fonologia da língua de sinais não tem como esquecer se remeter a Stokoe, pois pesquisou a estrutura dos sinais, seus estudos partiram da fonologia, morfologia e a sintaxe da língua. Mas o que é a fonologia da língua de sinais e como funciona? Karnopp (1999, p. 28) explica em sua tese o seguinte:

Fonologia das línguas de sinais é um ramo da lingüística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para línguas de sinais é determinar quais são os elementos recorrentes. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre os elementos. E a terceira tarefa é a investigação das diferenças (variação) permitidas/ possíveis que dependem do ambiente fonológico.

A fonologia da língua de sinais, logo, “estudam as unidades mínimas dos sinais que não apresentam significado isoladamente” (Quadros; Karnopp, 2004, p.

81). Ou seja, ao realizar os parâmetros dos sinais sozinhos eles não terão nenhum significado, será apenas um parâmetro. Tendo como exemplo das unidades mínimas sem significado a seguir:

Figura 1 – Exemplo de Configuração de Mão em U



Fonte: Dados da pesquisa.

A configuração de mão faz parte de um dos parâmetros da língua de sinais, logo é uma unidade mínima, um fonema, de forma sozinha não tem significado nenhum, porém ao acrescenta um ou dois outros parâmetros, passa a ter significado se tornando um sinal. Como exemplo o sinal de USAR.

Figura 2 – Exemplo do Sinal USAR



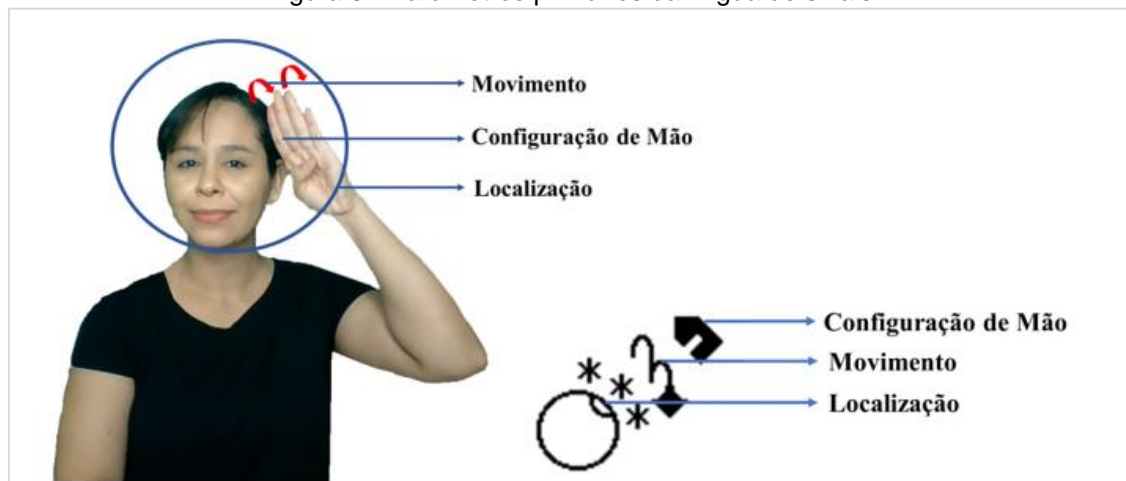
Fonte: Produzido pela autora.

O parâmetro acrescentado é o movimento que a mão realiza, em fazer a junção desses parâmetros temos um sinal, nesse caso o de USAR. Para descrever como funciona a estrutura fonológica da Libras, Quadros e Karnopp (2004, p. 51) explicam que:

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações no espaço. [...]A língua de sinais brasileira, assim como as outras línguas de sinais, é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenham funções. Seus principais parâmetros fonológicos são locação, movimento e configuração de mão [...].

Assim, os parâmetros primários da língua de sinais são os descritos por Stokoe, os quais serão demonstrados abaixo com base na imagem de Quadros e Karnopp (2004), seguido das regras do *SignWriting* colocando a descrição de cada parâmetro.

Figura 3 - Parâmetros primários da língua de sinais



Fonte: Produzido pela autora

Os parâmetros da língua de sinais de forma isolada não possuem significado, em que só passam a ter significado ao se juntarem dois ou mais parâmetros, formando, assim, um sinal. Nesse sentido, na língua de sinais, a fonética se direciona em “descrever as unidades mínimas dos sinais [...] as propriedades físicas, articulatórias e perceptivas de configuração e orientação de mão, movimento, locação, expressão corporal e facial” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 81).

Para demonstrar os parâmetros será colocado cada um e realizada a descrição de como eles acontecem na ordem fonológica de Stokoe, em que são considerados parâmetros primários e os demais como secundários, isso não se remetendo de forma pejorativa e sim para distinção de Stokoe e os demais pesquisadores.

2.2.1 Configuração de Mão

O primeiro parâmetro da língua de sinais registrado por Willian Stokoe é a configuração de mão, que é o formato que a mão realiza ao reproduzir o sinal. Ao realizar o registro das configurações ele usou como base as letras da língua oral.

Figura 4 - Configurações de Mão como base nas letras da língua oral

	A	Punho fechado		I	Como "I"
	K	Punho fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão plana		3	Como "3"
	B̂	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos como "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e indicador estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			

Fonte: Stumpf (2008, p. 25)

Após Stokoe publicar, outros autores encontraram outras formas que as mãos produziam. No Brasil, temos como base Ferreira (2010), uma das autoras que realizou essa catalogação de mão em ordem.

Figura 5 -Configurações de Mão propostas por Ferreira-Brito

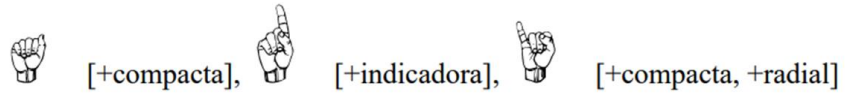
1	2	3	4	5	6	
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [5]	 [M]	
 [B̂]	 [Ā]	 [Ĝ]	 [Ĉ]	 [5̂]	 [M̂]	
 [B _b]	 [A ₆]	 [G ₂]		 [5̄]		
 [B̄]	 [Ā ₆]	 [Ḡ _d]		 [5̄ _h]		
7	8	9	10	11	12	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [3]	 [M]	
 [Ô]	 [F̂]		 [Ĥ]	 [3̂]	 [M̂]	
 [bO]	 [F̄]		 [H̄]	 [3̄]	 [M̄]	
13	14	15	16	17	18	19
 [α]	 [K]	 [I]	 [R]	 [W]	 [L]	 [E]
 [α̂]	 [K̂]				 [L̂]	
	 [K̄]				 [L̄]	

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 53)

Ferreira-Brito dividiu as configurações de mão em grupos, sendo no total 19, enumerando de acordo com a formação fonológica. Karnopp (1999, p. 39-40) explica que essas unidades têm traços distintos:

Os traços distintivos, unidades que compõem segmentos, identificam e distinguem os itens lexicais. A noção de traços distintivos nas línguas de sinais dá-se no sentido de que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos, que formam uma CM, um M e uma L e que, por sua vez, entram na formação de itens lexicais.[...] O modelo de traços distintivos, proposto por Ferreira Brito (1990) para a LIBRAS, apresenta 12

traços para a análise de configurações de mão, a saber: [compacta], [aberta], [ulnar], [cheia], [côncava], [dual], [indicadora], [radial], [toque], [separada], [cruzada], [dobrada], por exemplo:



A CM pode permanecer a mesma durante a articulação de um sinal, ou pode passar de uma configuração para outra. Quando há mudança na configuração de mão, ocorre movimento interno da mão – essencialmente mudança na configuração dos dedos selecionados.

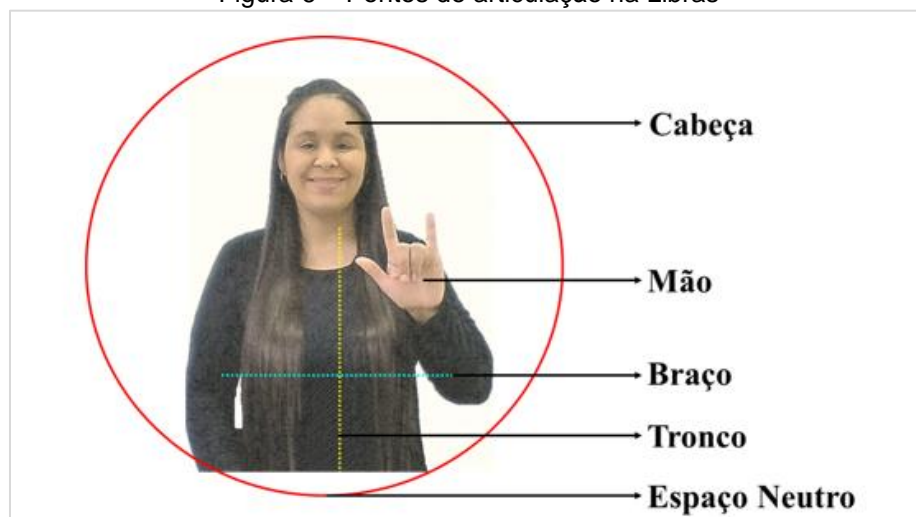
Outros autores, como Felipe (2008), apresentam 64 configurações de mão, isso incluindo as configurações do alfabeto manual. Barreto e Barreto (2015) fazem a catalogação de 111 configurações de mão, registradas em *SignWriting*.

Ao realizar o registro das configurações de mão, os dedos ao se modificarem como flexionando, abrindo ou fechando os dedos podem realizar outro sinal, assim se configura como outro modelo de mão, bem como a mão espalmada ou fechada.

2.2.2 Locação ou Ponto de Articulação

Este parâmetro foi o segundo descrito por Stokoe, que se refere onde o sinal será realizado, podendo ser no corpo ou no espaço neutro (fora do corpo), esse parâmetro faz parte do ponto primário. Karnopp (1999, p. 46) argumenta que “na LIBRAS, assim como em outras línguas de sinais até o momento investigadas, o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados”.

Figura 6 – Pontos de articulação na Libras



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 57)

Assim, é possível identificar o espaço que é utilizado para a sinalização, onde se tem o espaço neutro e a parte superior do corpo. Karnopp (1999, p. 47) explica que “o espaço de enunciação é um espaço ideal, no sentido de que se considera que os interlocutores estejam face a face. Pode haver situações em que o espaço de enunciação seja totalmente reposicionado e/ou reduzido [...]”. Quadros (2019, p. 44) descreve que as “principais locações [corpo, mão, braço, cabeça, pescoço e espaço neutro [...]” que são esses “os espaços dentro dos quais as mãos se movem” [...] na qual “cada sinal tem apenas uma especificação de locação”.

Figura 7 – Principais locações

C	Cabeça	T	Tronco
∇	topo da cabeça	P	pescoço
T	testa	O	ombro
R	rosto	B	busto
S	parte superior do rosto	E	estômago
I	parte inferior do rosto	C	cintura
p	orelha		
O	olhos	B	Braços
N	nariz	S	braço
B	boca	I	antebraço
d	bochechas	C	cotovelo
Q	queixo	P	pulso
A	zona abaixo do queixo		
M	Mão	EN	espaço neutro
P	palma		
C	costas das mãos		
L ₁	lado do indicador		
L ₂	lado do dedo mínimo		
D	dedos		
Dp	ponta dos dedos		
Dd	nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)		
Dj	nós dos dedos (primeira junta dos dedos)		
D1	dedo mínimo		
D2	anular		
D3	dedo médio		
D4	indicador		
D5	polegar		
V	interstícios entre os dedos		
V1	interstício entre o polegar e o indicador		
V2	interstício entre os dedos indicador e médio		
V3	interstício entre os dedos médio e anular		
V4	interstício entre os dedos anular e mínimo		

Fonte: Karnopp (1999, p. 48)

Karnopp (1999, p. 59) descreve onde pode ser realizado e que “cada sinal tem uma única especificação para locação principal, mesmo que ocorra um movimento de

direção”. Quadros e Karnopp (2004) apresentam o mesmo quadro, porém com alguns itens remanejados para outro espaço, como forma de enfatizar que o sinal é realizado em um espaço e em um subespaço.

2.2.3 Movimento

Este parâmetro necessita da configuração de mão para sua realização e a localização, pois sozinho é apenas um fonema. Karnopp (1999, p. 41) explica que,

Para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador [...]. O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço [...] (Karnopp, 1999, p. 41).

Esses parâmetros, assim como os demais, têm suas variações, ao realizar o movimento do sinal não tem apenas um, isso vai depender de como o sinal é realizado, o movimento ajuda na distinção da classe gramatical a qual o sinal pertence, pois há sinais que se parecem muito e com o diferencial do movimento, mesmo que sutil, ajuda nessa distinção, até mesmo a repetição do sinal ou o alongamento pode dar outro significado. Karnopp (1999, p. 44) argumenta que:





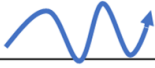

Em relação ao tipo de movimento, [...]pode estar nas mãos, pulsos e antebraço. Os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. A maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento. A frequência refere-se ao número de repetições de um movimento.

Quadros e Karnopp (2004, p. 56) descrevem em uma tabela os movimentos em tipos de direcionalidade, maneira e frequência, porém Strobel e Fernandes (1998) acrescentam alguns que serão descritos a seguir.

a) Tipo: (I) contorno ou forma geométrica, (II) interação, (III) contato, (IV) torcedura do pulso, (V) dobramento do pulso e (VI) interno das mãos.

(I) Contorno ou forma geométrica: de acordo com a Figura 8, esses movimentos podem variar em retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular e pontual.

Figura 8 – Movimentos de contorno ou forma geométrica

Retilíneo	
Helicoidal	
Circular	
Semicircular	
Sinuoso	
Angular	
Pontual	Esse tipo de movimento é apresentado em Quadros e Karnopp (2004)

Fonte: Adaptado de Strobel e Fernandes (1998)

(II) Interação: alternado, aproximação, separação, inserção e cruzado.

(III) Contato: ligação, agarrar, desligamento, toque, esfregar, riscar, escovar e pincelar.

(IV). Torcedura do pulso: rotação, refreamento.

(V) Dobramento do pulso: para cima, para baixo.

(VI) Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo ou gradativos)

b) Direcionalidade: podem ser de forma (I) unidirecional; (II) bidirecional; (III) multidirecional ou (IV) não-direcional.

(I) Unidirecional: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial.

(II) Bidirecional: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.

(III) Multidirecional: movimentos que exploram várias direções no espaço, durante a realização de um sinal. Esse tipo de direção é encontrado em Strobel e Fernandes (1998, p. 11).

(IV) Não-direcional

c) Maneira: qualidade, tensão e velocidade, que podem ser (I) I. Contínuo; (II) Retenção e (III) Refreado.

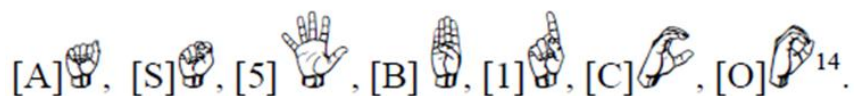
d) Frequência: repetição (I) Simples; (II) Repetido.

Os sinais podem ser feitos com uma ou as duas mãos, segundo Battison (1978 *apud* Quadros, 2019, p. 45), porém com as seguintes características:

1. Simétrica quando as duas mãos têm “a mesma configuração de mãos e os sinais são produzidos com o mesmo padrão de movimento que pode ser espelhado ou alternado [...].
2. Mão dominante ou assimétrica, quando realiza com as duas mãos porém com configuração de mão são diferentes e podem apresentar movimentos diferentes ou nenhum movimento na mão passiva (Quadros, 2019, p. 45).

Nessas condições, Karnopp (1999, p. 53) explica a disposição das mãos nos casos de condição simétrica ou de dominância:

Na classificação proposta por Battison (1978) há duas restrições fonológicas na produção de diferentes tipos de sinais envolvendo as duas mãos. A primeira restrição, denominada Condição de Simetria, estabelece que, caso as mãos se movam na produção de um sinal, então determinadas restrições aparecem, a saber: a CM deve ser a mesma para as duas mãos, a locação deve ser a mesma ou simétrica, e o movimento deve ser simultâneo ou alternado. A segunda restrição, denominada Condição de Dominância, estabelece que, se as mãos não dividem a mesma CM, então a mão ativa produz o movimento, e a mão passiva serve de apoio e apresenta uma das CM não-marcadas do seguinte conjunto:



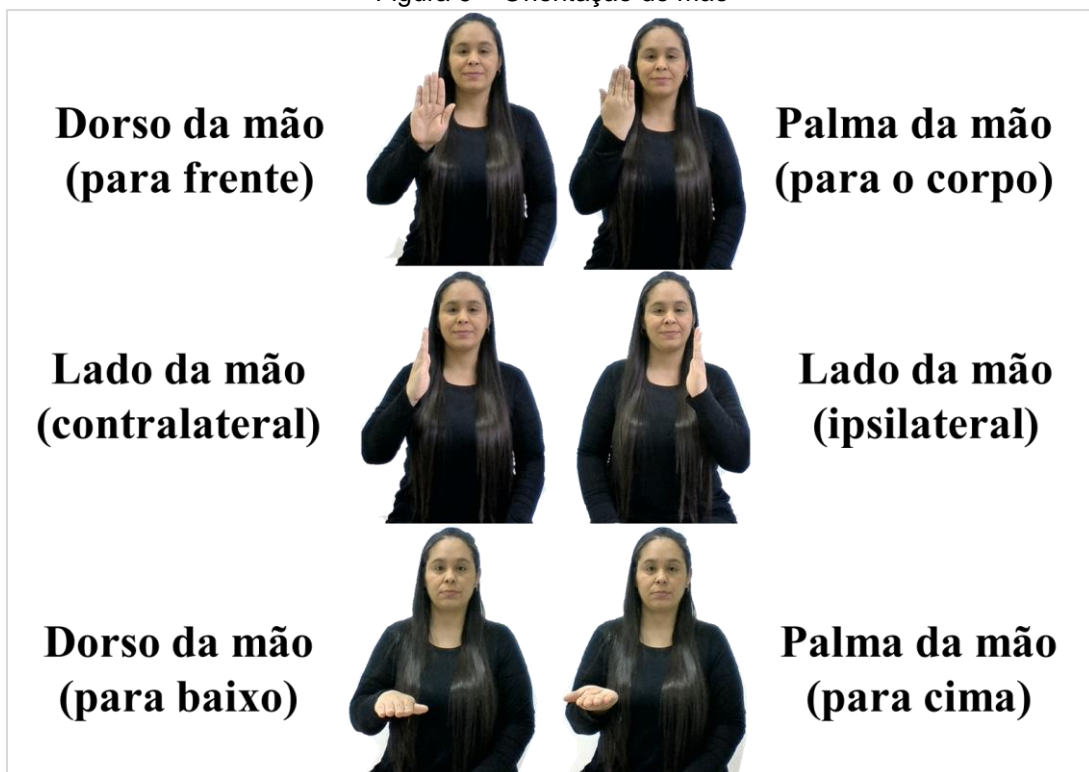
Essa afirmação de Karnopp (1999) demonstra que a mão passiva ao ser adicionada na sinalização aumenta o quantitativo de informações, levando o receptor a ter um leque de informações ou até mesmo redundâncias.

Quadros (2019) explica que a mão passiva ou mão não dominante na língua pode ser um morfema preso, pois onde só tem significado mediante a mão dominante, de forma isolada perde o significado, se tornando apenas um parâmetro da língua de sinais.

2.2.4 Orientação da Mão

Este parâmetro foi descoberto por outro pesquisador, pois ele só entrou nos parâmetros depois das pesquisas de Stokoe (1960), se tornando um fonema da língua de sinais, “com base na existência de pares mínimos em sinais que apresentam mudança de significado apenas na produção de distintas orientações da palma da mão” (Battison, 1974; Bellugi; Klima; Siple, 1975, *apud* Karnopp, 1999, p. 49). Quadros e Karnopp (2004, p. 59) afirmam que foram encontrados “seis tipos orientação da palma da mão na língua de sinais brasileira: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda” [...]. Quadros (2019, p. 44) explica que “a orientação é sempre combinada com a configuração de mão”.

Figura 9 – Orientação de mão



Fonte: Adaptado de Ferreira (2010, p. 41)

2.2.5 Expressão Facial e Corporal

Este fonema foi o último a ser incorporado aos parâmetros das línguas de sinais, ele não chegou a ser identificado por Stokoe, porém ao ser considerado um parâmetro trouxe a fonologia mais completa, a ausência dele pode causar ruídos na

comunicação, nestas situações muitos sinais se tornam distintos mediante a sua presença ou ausência. Karnopp (1999, p. 50) explica que esse parâmetro são "Expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e de sinais específicos".

Para apresentar esse parâmetro necessário como os demais da língua de sinais, Ferreira (2010, p. 240-241) descreve quais são as expressões não-manuais realizadas no: rosto, cabeça, rosto e cabeça, tronco.

a) Rosto: sendo dividido em parte superior e inferior, conforme demonstrado abaixo na Figura 10.

Figura 10 – Expressões não-manuais: rosto

Parte Superior	Parte Inferior
Sobrancelhas franzidas	Bochechas infladas
Olhos arregalados	Bochechas contraídas
Lance de olhos	Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
Sobrancelhas levantadas	Correr da língua a parte inferior interna da bochecha
	Apenas bochecha direita inflada
	Contração do lábio superior

Fonte: Adaptado de Ferreira (2010, p. 240-241)

b) Cabeça: baseia-se nos movimentos de balanceamento e inclinação para frente, para trás e para os lados como detalhado na Figura 11.

Figura 11 – Expressões não-manuais: cabeça

Balanceamento para frente e para trás (sim)
Balanceamento para os lados (não)
Inclinação para frente
Inclinação para os lados
Inclinação para trás

Fonte: Adaptado de Ferreira (2010, p. 240-241)

c) Rosto e Cabeça: consiste em I. cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados sobranceiras franzidas; II. cabeça projetada para trás e olhos arregalados.

d) Tronco: Para frente ou para trás e balanceamento dos ombros.

Figura 12 – Expressões não-manuais: tronco

Para frente
Para trás
Balanceamento alternado dos ombros
Balanceamento simultâneo dos ombros
Balanceamento de um único ombro

Fonte: Adaptado de Ferreira (2010, p. 240-241)

A fonética da língua de sinais está relacionada com a descrição dos parâmetros da língua, pois cada um deles tem suas peculiaridades, assim como qualquer outra língua. Quadros (2019) descreve:

[...] Análise fonética das línguas de sinais. Um dos primeiros pontos elencados é a diferença das modalidades das línguas faladas e sinalizadas, implicando estudos que utilizam diferentes articuladores reconhecidos pelo cérebro por meio de um alto nível de processamento. Crasborn buscou descrever a forma fonética dos sinais em categorias visuais abstratas determinadas pela percepção do movimento do corpo. Ele utilizou a terminologia anatomofisiológica, emprestada das ciências biológicas, para falar das articulações dos dedos, das mãos e dos braços (Quadros, 2019, p. 59).

Pesquisas voltadas para a fonética da língua de sinais vêm crescendo, campo esse com um leque de informações que contribui com a língua, facilitando o entendimento para novos pesquisadores, usuários e comunidade em geral. No caso de desta pesquisa direcionada aos fonomorfemas, abordaremos a fonologia, a morfologia e fonomorfologia da língua de sinais na subseção a seguir.

2.3 MORFOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS

Estudar a morfologia da língua de sinais tem sido um desafio, pois descrever a realização do sinal é apenas uma coisa, mas a explicação de como cada parte pode ser também um morfema necessita de um olhar aguçado e bem peculiar para ser identificado, por se tratar de uma língua visual-espacial requer um certo cuidado.

Quadros e Karnopp (2004, p. 86) explicam que “*morfologia* é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os *morfemas* são as unidades mínimas com significado”. As palavras se formam a partir dessas unidades mínimas menores, que ao se juntarem têm um significado. Na Libras, pode-se dizer que, são “pedaços de sinais”, conforme Wanderley (2017, p. 144). Margotti e Margotti (2011, p. 11-12) explicam como essas unidades exercem a função:

Essas unidades de sentido são combinadas de um certo modo para exercer determinadas funções na estrutura formal da qual fazem parte. O mesmo ocorre com as palavras, exercem funções no enunciado em que são empregadas. Isso significa que *forma*, *função* e *sentido* são elementos solidários e independentes, cuja existência em separado só é possível no plano abstrato. A morfologia aborda, portanto, predominantemente os processos nos quais se acrescenta um segmento a outro(s) já existente(s) para modificar o sentido.

Nesse caso existem as unidades mínimas sem sentido que, ao ser juntadas a uma outra unidade podem formar uma palavra. Melo e Souza (2022) explicam que para a linguística,

a morfologia traz não somente a forma, mas a estrutura e classificação das palavras. É através da morfologia que se pode compreender a mudança de significado das palavras numa frase, ou menores, desde que tenham significado, como nos morfemas (Melo e Souza, 2022, p. 13).

Esses morfemas ao serem juntados formam uma palavra que de forma isolada poderia não ter sentido algum.

Assim como na língua portuguesa há morfemas que ficam sozinhos tendo eles significado, considerados os morfemas livres e outros morfemas que formam parte das palavras sendo eles os morfemas presos. Dessa forma, podemos ter palavras monomorfêmicas, que são aquelas formadas por apenas um morfema e palavras

dimorfêmicas, trimorfêmicas ou polimorfêmicas, isso vai depender de como a palavra é formada, da mesma maneira acontece na língua de sinais.

2.3.1 Morfemas na Libras

Para a formação de sinais existe a derivação e a flexão, ambas relacionadas à morfologia. Quadros e Karnopp (2004, p. 96) afirmam que o sinalizante necessita conhecer como acontece a formação dos sinais, não somente de forma isolada, mas no conjunto da língua. Ainda coloca que para a formação desses sinais, o sinalizante necessita construir a língua de forma mental, construindo a informação na cabeça de forma visual para que assim possa reproduzi-lo, esse fato se torna muito importante no ato de sinalizar.

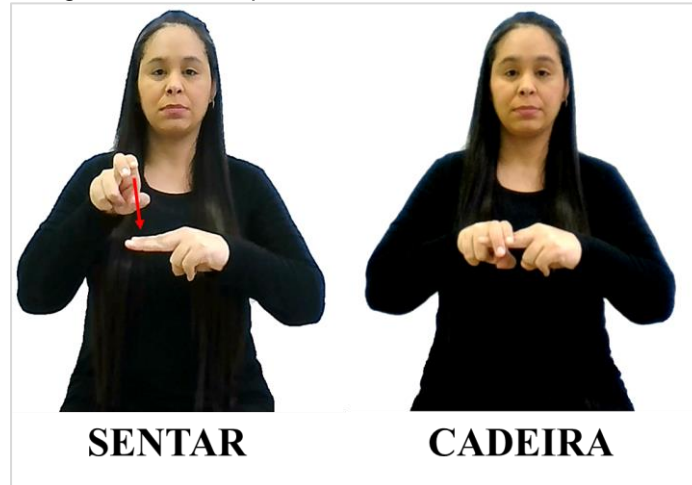
Farias do Nascimento (2009, p. 82) apresenta o modelo Silex que “considera duas operações morfológicas para a construção de palavras: a *produtividade* e a *criatividade*”. A produtividade seria o conhecimento das regras gramaticais e a criação de sinais a partir disso, pode-se dizer que é a derivação, já a criatividade, conforme o autor (2009, p. 82), “ocorre quando, de forma consciente e intencional, as ULS disponíveis são modificadas pelos falantes”, criando, desta maneira, novos termos para a língua. Farias do Nascimento explica que,

[...] um estudo por meio desse modelo constitui um observatório privilegiado para a construção do significado. O enfoque da Morfologia construcional, presente no Modelo Silex, segue apresentado de forma bem geral, acompanhado da conceituação e da descrição de alguns morfemas presos e livres, presentes no processo de construção de algumas ULS selecionadas aleatoriamente e do agrupamento das mesmas pela semelhança de constituintes e de processos (Farias do Nascimento, 2013, p. 81).

Quando se fala de derivação, é quando um sinal muda de classe gramatical, na qual ele deriva de nome e se transforma em verbo, ou seja, um mesmo sinal é usado para duas palavras. Quadros e Karnopp (2004, p. 96-97) sustentam “que na língua de sinais brasileira pode derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento. O Movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos [...]” Assim o movimento se torna o principal para realizar essa modificação de significado entre os sinais. Para explicar como esse fenômeno faz parte das unidades lexicais Quadros e Karnopp (2004, p. 101) afirmam que “esse processo de repetição é chamado de reduplicação. Semelhante à nominalização no português, na língua de

sinais brasileira repete-se o morfema-base (verbo) e tem-se como produto um nome”. Há vários exemplos para demonstrar essa questão, assim como os sinais de CADEIRA e SENTAR:

Figura 13 – Exemplo dos sinais CADEIRA e SENTAR



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

Nesses exemplos dos sinais CADEIRA e SENTAR há uma diferença na realização do movimento, pois ao fazer-se o sinal CADEIRA (substantivo), o movimento é curto e repetitivo e feito de forma rápida, já no sinal SENTAR (verbo), o movimento é mais longo que o de cadeira, também é repetitivo, porém feito mais pausadamente.

Outro exemplo é o sinal de FERRO (substantivo) e PASSAR-COM-FERRO (verbo), neste último caso se torna um verbo devido ao movimento mais repetitivo e alongado na realização do sinal, conforme ilustrado na Figura 14.

Figura 14 – Exemplo dos sinais FERRO e PASSAR-COM-FERRO



Fonte: Adaptado de Felipe (2008, p. 324)

Há também a formação de sinais pela composição, para a formação de um sinal ou uma palavra há uma base ou raiz, no caso para a criação de um sinal composto necessita de duas bases. Quadros e Karnopp (2004, p. 102) explicam que:

O processo de composição é um fenômeno bastante rico e diversificado em língua portuguesa que envolve a junção de uma base a outra base. O que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que, das bases que se juntam para formar uma palavra, cada uma tem seu papel definitivo pela estrutura. [...] A própria estrutura geral do processo de composição se relaciona com a natureza de sua função, que é inteiramente diferente do da derivação: enquanto na derivação tem-se a expressão de noções comuns e gerais, a composição é um processo que vai permitir categorizações cada vez mais particulares. [...]

Cada uma das bases tem significado totalmente oposto, porém ao se juntarem dão outro significado ao sinal. Scott Liddel (1984) *apud* Quadros e Karnopp (2004) apresenta regras morfológicas quando acontece essa formação de sinais compostos que são: de contato, sequência única e antecipação da mão não-dominante.

Regra de contato: Frequentemente um sinal inclui alguns tipos de contato, seja no corpo, seja na mão passiva. Em compostos, o primeiro, o segundo ou o único contato mantido. Isso significa que se dois sinais ocorrem juntos para formar um composto e o primeiro sinal apresenta contato, este contato tende a permanecer. Se o primeiro sinal não apresenta contato, mas o segundo sinal sim, este contato permanece na composição (Quadros; Karnopp, 2004, p. 103).

Isso significa que quando ocorre a composição, quando há a junção desses sinais, um deles perde o quantitativo de movimento, o que antes tinha dois toques acaba tendo somente um toque.

A regra de sequência única se aplica quando compostos são formados na língua de sinais brasileira, o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminado. Isto é chamado de regra de sequência, conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 104). Tendo exemplo o sinal de Escola, sendo ele um composto formado a partir dos sinais CASA e ESTUDAR, ambos possuem dois toques, porém ao realizar sua junção ambos perdem a repetição do movimento, sendo suprimido um tipo de toque, conforme exemplificado na Figura 15 a seguir.

Figura 15 - Exemplo do sinal ESTUDAR



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 103)

O * significa que o tipo de toque realizado pelo sinal, quando acontece a junção de CASA + ESTUDAR, cada um deles perde, CASA perde (*) e ESTUDAR perde um dos movimentos.

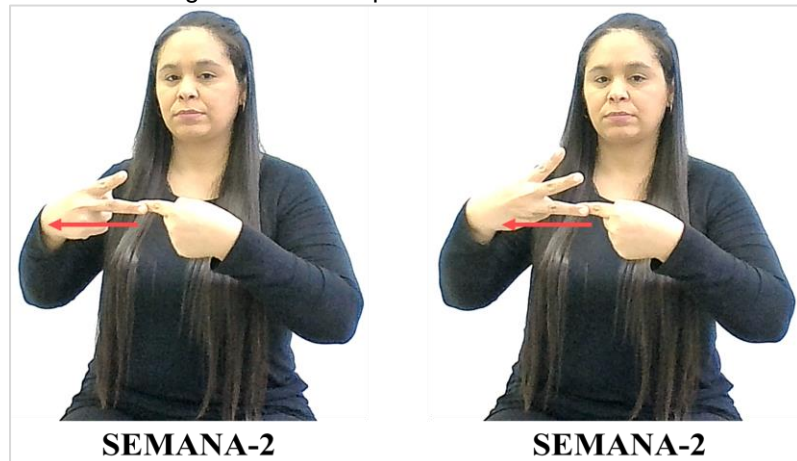
No caso da regra de antecipação da mão não-dominante, Quadros e Karnopp (2004, p. 104) teorizam que “[...] Quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente acontece que a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição”.

Nesse caso, a mão dominante aparece antes da realização do sinal para assim sua reprodução, faz com que antecipe o que será sinalizado. Para a realização do sinal composto nem sempre a junção desses sinais se dará o significado mediante ao contexto dos sinais bases, às vezes essa junção se tem por sinais que têm sentidos totalmente diferentes.

Há também a incorporação de numeral que é morfema preso, na qual a menor unidade do sinal não é possível reproduzir de forma isolada, necessitando assim da combinação para ter significado. Para Farias-do-Nascimento (2009, p. 83), “os morfemas [...], podem ser livres quando isolados e presos quando não podem ocorrer isolados, mas, exclusivamente ligados a outro(s) morfema(s)”.

Os morfemas presos estão ligados diretamente com a base, para a sua realização necessita de uma interligação com a raiz ao sinalizar, os morfemas livres podem ser um fonema como um morfema. Os morfemas presos podem ser por incorporação de números, onde se acrescenta os números e permanece o radical.

Figura 16 – Exemplo do sinal SEMANA-2



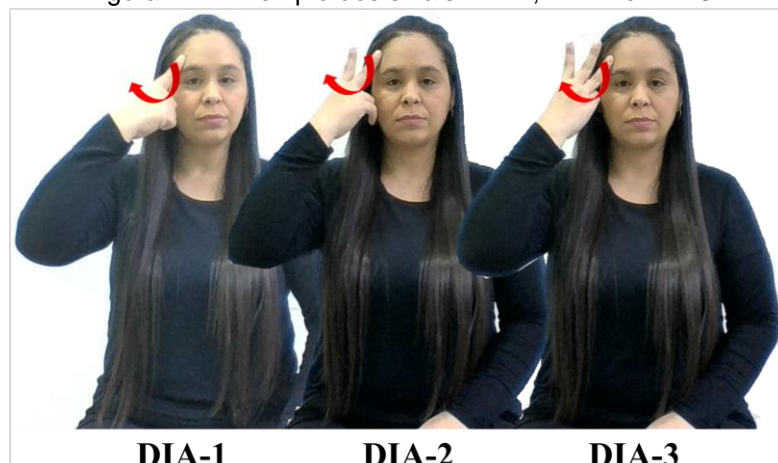
Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 107).

As duas partes do sinal têm o morfema-base e o elemento morfêmico, que ao se juntar formam o sinal com outro significado, nessa situação o morfema é preso, pois não pode ser realizado sozinho o “pedaço do sinal”.

No exemplo dado, foram colocados os sinais de duas semanas e três semanas, na primeira grafia se tem o de duas semanas o que diferencia do sinal de três semanas é o acréscimo do dedo, modificando assim a configuração de mão, a mão direita e a seta simples são o radical, a mudança de configuração de mão ou o acréscimo é um morfema preso, quando ocorre a junção do radical e do morfema realiza-se o sinal. Nesse morfema nenhuma das partes do sinal podem ser realizadas isoladamente.

Outro exemplo que destacamos é dos sinais de DIA-1, DIA-2, DIA-3 mostrado na Figura 17.

Figura 17 – Exemplo dos sinais DIA-1, DIA-2 e DIA-3



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 108).

Quando se realiza o sinal de DIA-1 (um dia) ele se dá com um dos dedos, nesse caso, com o polegar na frente do rosto, ao realizar DIA-2 (dois dias) e DIA-3 (3 dias), os dedos serão acrescentados dando o sentido do quantitativo que necessita, porém na língua de sinais só pode incorporar ao sinal os números até 4, além desse quantitativo não acontece a incorporação.

Outro morfema que pode ser encontrado na língua de sinais é a incorporação de negação, essa negação na Libras pode ocorrer em três tipos, sendo: a negação do acréscimo do léxico NÃO, a negação suprasegmental ou morfema tonal acentuada (Ferreira, 2010, p. 76) e a negação de incorporação.

A negação do acréscimo ocorre quando o léxico NÃO é utilizado em palavras onde a negação não se encaixa na palavra, em alguns verbos não é possível haver a incorporação do NÃO, é usado também quando utilizado a pessoas do discurso, conforme o exemplo ilustrado na Figura 18:

Figura 18 – Exemplo do sinal TRABALHAR-NÃO



Fonte: Dados da pesquisa.

A negação suprasegmental é a negação feita com o balançamento da cabeça, em que ao realizar o sinal tem a incorporação do parâmetro da expressão não-manual.

Como exemplo se tem o sinal de LEMBRAR-NÃO, apresentado na Figura 19.



Fonte: Dados da pesquisa.

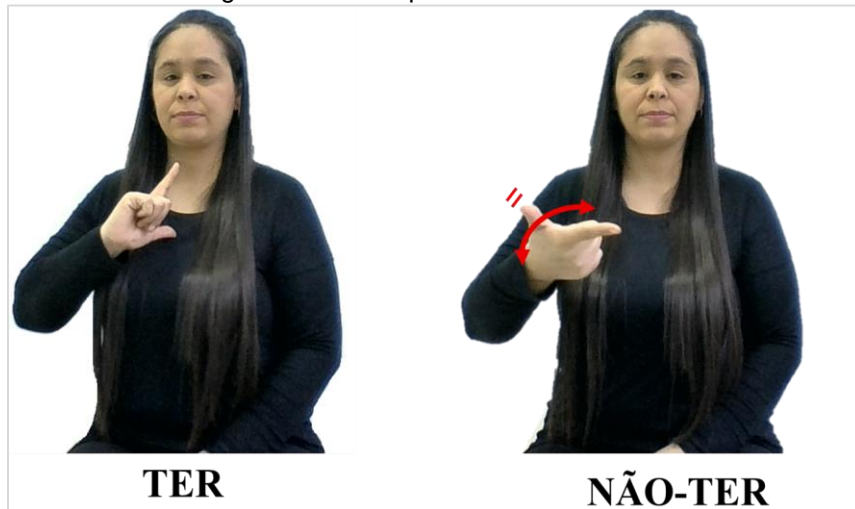
Nesse exemplo, ao realizar a sinalização, faz-se o sinal de LEMBRA e usa-se a incorporação do balançar da cabeça para a direita e para a esquerda como forma de negação.

No terceiro tipo de negação, de acordo com Ferreira (2010, p. 77), “o item a ser negado sofre alteração em um dos parâmetros, especialmente o parâmetro movimento, acarretando, assim o aparecimento de um item de estrutura ‘fonético-fonológico’ diferente daquele que é a sua base[...]”.

Nesse caso, surge a negação de uma forma que modifica em parte o sinal, pois a base continua só que pode alterar um dos fonemas do sinal. Alguns exemplos como: TER, TER-NÃO, QUERER, QUERER-NÃO.

Trazemos na Figura 20, o exemplo do sinal NÃO-TERE e na Figura 20, o exemplo do sinal NÃO-QUERER.

Figura 20 – Exemplo do sinal NÃO-TER



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 21 – Exemplo do sinal NÃO-QUERER



Fonte: Dados da pesquisa.

Na seção seguinte, trazemos à discussão os aspectos relacionados à fonomorfologia da Libras, como foco da presente investigação, e como ela se aplica na pesquisa.

2.3.2 Fonomorfologia na Libras

A fonologia da língua de sinais estuda as unidades mínimas dos sinais, já a morfologia se encarrega de estudar “a estrutura interna das ‘unidades lexicais sinalizadas’ – ULS, por meio da análise das formas dotadas de conteúdo, as quais compõem essas unidades e por meio dos processos empregados na combinação dessas unidades” (Farias-Nascimento, 2013, p. 79).

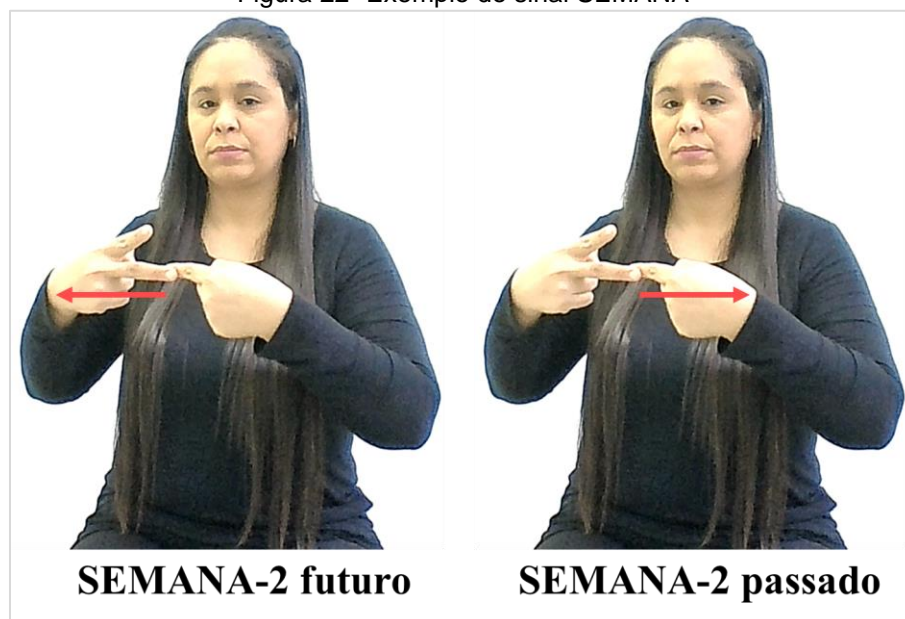
Para realizar a análise do léxico da língua de sinais necessitamos compreender que os sinais antes de sua produção estão presentes no campo mental. Assim, antes de sua reprodução física é feita a imaginação de sua reprodução e, com isso, as suas possíveis combinações, criando, assim, novos sinais com significados, sendo os morfemas.

Quando se realiza o estudo dos sinais, os parâmetros são descritos para identificar a fonologia e com a junção desses parâmetros tem-se a morfologia, porém essas unidades ao ser acrescentadas ao léxico não é somente um fonema ou um morfema, pois tem um significado, se tornando um fonomorfema. Farias do Nascimento (2013, p. 85) explica que:

[...] os parâmetros que se unem para construir uma ULS, coloca-os na posição de unidades fonológicas das línguas de sinais. Contudo, essa análise é fluida; precisamos reconhecer que um parâmetro, grande parte das vezes, além do traço distintivo, traz em si um significado que é acrescentado à unidade lexical à qual adiciona. Essa análise leva-nos a categorizar os parâmetros como unidades 'fonomorfológicas' em vez de unidades apenas fonológicas ou apenas morfológicas.

Assim, essas pequenas unidades ao serem combinadas ao léxico são dotadas de significado e se tornam um fonomorfema da língua de sinais e logo são fonomorfemas presos. Para a exemplificação, ilustramos a realização do fonomorfema de SEMANA na Figura 22.

Figura 22- Exemplo do sinal SEMANA



Fonte: Dados da pesquisa.

O parâmetro traz a mesma configuração de mão, o ponto de articulação é o mesmo, o movimento é o mesmo, a expressão é igual em ambos, porém a orientação da mão se modifica, a seta direcionada para a esquerda dá o sentido de “daqui a duas semanas” no tempo futuro), já na da seta direcionada para a direita tem-se o sentido de “duas semanas passadas”, portanto, no tempo pretérito. Nesse caso, tem-se a situação ocorrida em dois tempos no futuro e no passado, dando significados distintos.

Essas unidades ao se juntarem formam um sinal dotado de significado que se torna um fonomorfema, pois está sendo anexado ao léxico.

A pesquisa demonstra uma análise fonomorfológica da Libras, porém para realização da análise será utilizada a técnica de comutação. Assim, será apresentada a comutação e como ela se aplica na morfologia da Libras. Esta técnica foi selecionada por estar dentro do campo da morfologia e por possibilitar a identificação da mudança na Libras.

2.3.3 Comutação na Libras

A comutação é a substituição, ou melhor a troca de elementos linguísticos em que se modifica o significado. Margotti e Margotti (2011, p. 49) explicam o que é comutação:

A comutação consiste numa operação contrastiva por meio de permuta de elementos para a qual são necessárias: a) a segmentação do vocábulo em subconjuntos e b) a pertinência paradigmática entre os subconjuntos que vão ser permutados. Comutação é troca de um elemento no plano da expressão de que resulta uma alteração no plano do conteúdo. [...] Na comutação, em qualquer nível (fonológico, morfológico ou sintático), a troca do significante implica a troca de significado.

Dessa forma, realizar uma análise morfológica significa a análise das partes das palavras, não podendo ser confundido com fonologia. Outros pesquisadores estruturalistas³, como Harris⁴ que definia comutação como uma “substituição de uma unidade linguística por outra, dentro de um contexto, é o método que se recorre para

³ Estruturalismo é uma corrente de pensamento da ciência humana, dando origem por Ferdinand Saussure, estudando as relações da língua e oposições, isso para a linguística, sua estrutura.

⁴ Estruturalista norte-americano, seu enfoque era em métodos de análise, sendo alguns fonêmicos, utilizou-se de vários testes, suas contribuições foram fonológicas e morfológicas. Colocava que não havia uma verdade absoluta. Suas pesquisas são de descrição de como as transformações linguísticas acontecem, além disso, permeou na análise do discurso, incluiu a semântica na gramática.

identificação dos traços estruturalmente relevantes” (Guérios, 2010, p. 11). Como exemplo, Guérios (2010) continua explicando como realizar essa distinção:

A comutação, [...], é uma consequência da afirmação axiomática de que uma distinção é relevante em um plano se fôr suficiente para estabelecer uma distinção no outro plano: a distinção entre [i] e [e] é pertinente em inglês, porque é suficiente para fazer de [pin] outra unidade significativa [pen] [...] (Guérios, 2010, p. 11).

A comutação funciona também para a realizar a distinção em palavras, podendo ser usado para diferenciar palavras de variantes e invariantes.

Há os glossemáticos⁵ que nomeiam a comutação como uma permuta, que, de acordo com Guérios (2010, p. 13), “consiste na mudança posicional de um segmento da cadeia (parte do texto) no plano da expressão (significante) produzindo-se, em consequência, mudança posicional no plano conteúdo (significado)”. Assim, tanto a comutação como a permutação são uma mutação, ou seja, uma alteração no sentido da palavra.

Como exemplos, trazemos análises mórficas de comutação. Na Figura 23 destacamos o processo que ocorre nas desinências número-pessoais.

Figura 23 – Desinências número-pessoais

Desinências número-pessoais		
ESTUDAVA	+	Ø
ESTUDAVA	+	S
ESTUDAVA	+	Ø
ESTUDÁVA	+	MOS
ESTUDÁVE	+	IS
ESTUDA	+	M

Fonte: Produzido pela autora

Na sequência de exemplificações sobre as análises mórficas de comutação, ilustramos na Figura 24 os aspectos de desinências nodo-temporais.

⁵ Termo criado pelo linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965), em que era um discípulo de Ferdinand Saussure. Louis estudou as unidades linguística, em que analisa a língua dentro de sua estrutura, sem precisar de fatores externos.

Figura 24 – Desinências modo-temporais

Desinências modo-temporais				
ESTUDA	+	Ø	+	S
ESTUDA	+	VA	+	S
ESTUDA	+	RÁ	+	S
ESTUDA	+	RIA	+	S
ESTUDA	+	RA	+	S
ESTUDA	+	SSE	+	S
ESTUDA	+	RE	+	S

Fonte: Produzido pela autora

Por fim, na Figura 25, destacamos a estrutura de raiz ou semantema de verbos.

Figura 25 – Raiz ou semantema de verbos

Raiz ou Semantema de verbos		
ESTUD	+	AR
CANT	+	AR
SAN	+	AR
CAS	+	AR

Fonte: Produzido pela autora

A comutação que é uma análise mórfica, de acordo com Monteiro (2002, p. 38), se “baseia no princípio de que tudo no sistema linguístico é oposição e consiste na substituição, pelo conforto, de uma forma por outra”. Isso significa que ao realizar a mudança, ocorre a modificação de significado. Trazemos na Figura 26 outro exemplo de comutação no uso do adjetivo limpíssimo.

Figura 26 – Exemplo de comutação: Limpíssimo

Limpíssimo										
limpíssimo	+	Ø	≠	limpíssimo	+	s	(Ø+s)			
limpíssimo	+	Ø	≠	limpíssimo	+	a	(Ø+a)			
limpíssim	+	o	≠	limpíssim	+	a	+	mente	(o ≠ a)	
limp	+	íssimo	≠	limp	+	inho	≠	limp	+	ou

Fonte: Produzido pela autora

No exemplo, as formas mínimas observadas e destacadas foram:

- (1) Raiz – [limp]
- (2) Radical – [limpíss]
- (3) Vogal temática – [o]
- (4) Tema – [limpíssimo]
- (5) Sufixo derivacional – [íssimo]
- (6) Desinência de gênero – [Ø]
- (7) Desinência de número – [Ø]

Alguns autores classificam a comutação como uma substituição, de acordo com Guérios (2010), além de designá-la como substituição, ainda existem classificações em diferentes tipos, como: (1) fonética; (2) fonêmica; (3) Paraplasma; (4) Alternância; (5) Metalexismo e (e) Gramatical.

(1) Fonética: que acontece a mudança de um fonema, sendo “a troca, por imitação, de um fonema por outro, realizada nos vocábulos de uma língua para a mesma língua, ou nos de uma língua para um dialeto⁶ ou falar, ou vice-versa” (Guérios, 2010, p. 5).

Trazemos o exemplo em (8) de palavras na língua oral:

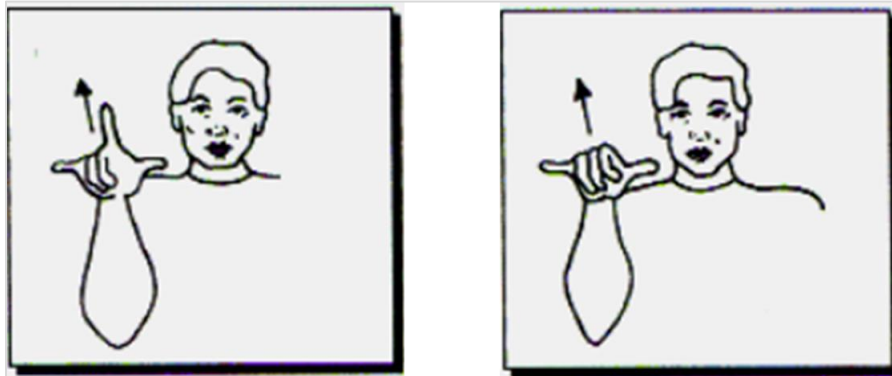
(8) TOTU > TODU

Na Libras esse tipo de comutação também se faz presente, no exemplo exposto na Figura 27, o sinal de AVIÃO, que era realizado com três dedos, sendo uma imitação do sentido que o meio de transporte realiza, na segunda imagem há uma mudança fonética por meio da subtração de um dos dedos, modificando, dessa forma apenas um parâmetro que é a configuração de mão.

Nota-se que essa modificação pode ocorrer em qualquer língua, no exemplo dado, nesse caso da Libras, por ser uma língua com sua estrutura própria, pode sofrer modificações como as demais línguas orais.

⁶ No caso do dialeto é classificado como empréstimo fonético dialetal ou dialetismo fonético. Isso ocorre devido aos diferentes falantes em um mesmo território.

Figura 27 – Exemplo do sinal AVIÃO



Fonte: Fernandes e Strobel (1998)

(2) Fonêmica: neste caso acontece uma acomodação, pois se o fonema apresentar complexidade em sua pronúncia, o falante realiza a “substituição fonêmica, a qual consiste no emprego do som mais aproximado ao fonema estrangeiro. Pode ser chamado também acomodação ou adaptação”, segundo Guérios (2010, p. 5).

Exemplos de palavras na língua oral:

- (9) USINE > USINA
- (10) PURÉE > PURÊ
- (11) CARROZA > CARROÇA
- (12) ALMANAHI > ALMANAQUE
- (13) GWERRA > GUERRA

Na língua de sinais é possível identificar esse tipo de mudança ou adaptação, ela acontece na Libras, pois muitos sinais se originaram do LSF⁷ ou do ASL⁸, é possível perceber essa troca fonêmica. Ao analisar o sinal de FAMÍLIA, tem-se a seguinte situação:

Figura 28 – Exemplo do sinal FAMÍLIA



Fonte: Compilação da autora⁹

⁷ Langue de Signes Française (Língua Francesa de Sinais)

⁸ American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

⁹ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites: <https://izabelapce.wordpress.com> e <https://www.teacherspayteachers.com>

Na Figura 28, na imagem 1, à esquerda, tem-se o sinal de FAMÍLIA usado em ASL por ter sido trazido ao Brasil e por durante muitos anos foi usado pelos surdos no Brasil, com o passar dos anos ele sofre essa pequena alteração pelos natos¹⁰ da Libras, na imagem 2, à direita, percebe-se a alteração de fonema, que na grafia fica mais visível e evidente.

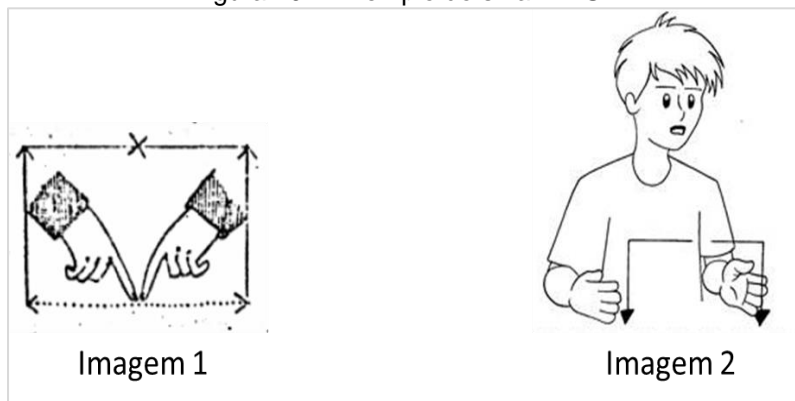
(3) Paraplasma, segundo Guérios (2010, p. 7), ocorre “quando uma expressão analógica toma o lugar da expressão própria”. Há casos em que não acontece exatamente uma substituição, mas sim uma adaptação, isso se dá devido ao som muitas vezes soar de forma estranha, assim o falante realiza essa adaptação.

Exemplo de palavras na língua oral:

- (14) POTERE¹¹ substitui por POSSE
- (15) DESPEÇO¹² substitui por DESPIDO
- (16) ABAT-JOUR¹³ > ABAJUR
- (17) CHAMPAGNE > CHAMPANHE

Da mesma forma esse fenômeno de paraplasma ocorre na Libras, como exemplo se tem o sinal de MESA¹⁴.

Figura 29 – Exemplo do sinal MESA



Fonte: Compilação da autora¹⁵

¹⁰ Surdos nascidos no Brasil.

¹¹ Palavra de origem do latim, que é a forma analógica de potes, potest, etc.

¹² Analógica de peço (verbo pedir)

¹³ Nesta situação ocorreu a substituição devido ao estranhamento da palavra ser de origem estrangeira e acontecer o estranhamento ao pronunciar, ficando desta forma a adaptação.

¹⁴ Nesta situação ocorreu a mudança, situação essa parecida ao de abat-jour (língua oral), pois por causar estranheza por ser um sinal estrangeiro foi recebido e com o tempo sofreu a substituição.

¹⁵ Montagem a partir de imagem coletadas no site <https://br.pinterest.com/marcia7770/libras/> e de Gama (1875).

O sinal da imagem 1 é um sinal arbitrário já na imagem 2 se torna um sinal icônico, mesmo seguindo um dos parâmetros. Esse fenômeno acontece uma substituição, pois a imagem 1, sinal de origem francesa.

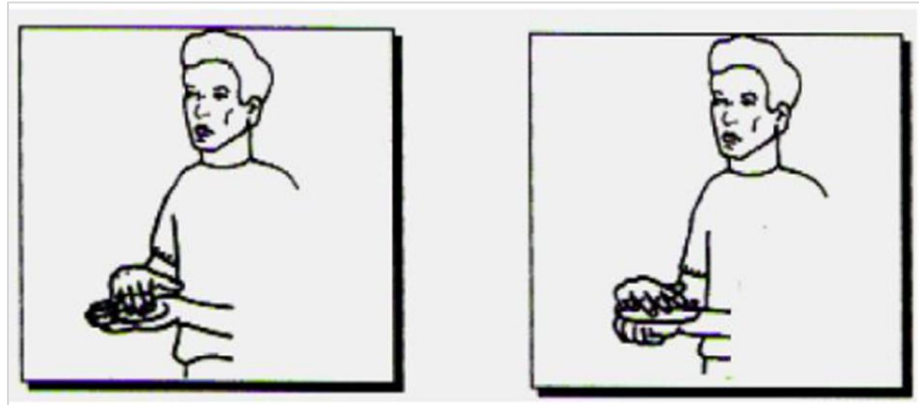
(4) Alternância/Alternante: ocorre “quando uma modificação fonética no interior de um morfema léxico produz modificação de natureza morfemo-gramatical” (Guérios, 2010, p. 7). Essa variação acontece devido ao fonema ou um grupo de fonemas ter sons parecidos.

Exemplo de palavras na língua oral:

- (18) FOOT > FEET
- (19) FIZ > FÊZ
- (20) MAN > MEN

Na Libras isso acontece da mesma forma, pois alguns fonemas se tornam parecidos ao serem produzidos, como exemplo o sinal de CONVERSAR ilustrado na Figura 30.

Figura 30 – Exemplo do sinal CONVERSAR



Fonte: Fernandes e Strobel (1998)

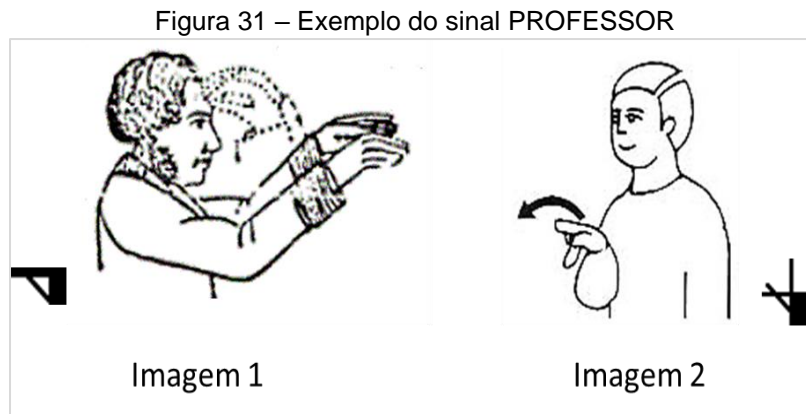
Nessa situação, o fonema da configuração de mão é a base, ao realizar sua modificação pela configuração de mão fechada não causa alteração e se torna um fonema parecido ao ser sinalizado.

(4) Metalexismo/Metalexia: ocorre quando uma palavra assume o lugar de outra, e tem o mesmo sentido daquela que foi substituída.

Temos os exemplos em (21) a (24) no que se refere à língua oral:

- (21) JAGUAR¹⁶ por ONÇA ou TIGRE
- (22) TAPIR por ANTA
- (23) URUBU por CORVO
- (24) DIABO por DIACHO ou DIALHO

Em Libras ocorre essa mudança ou comutação, tendo como exemplo o sinal de PROFESSOR ilustrado na Figura 31.



Fonte: Compilação da autora¹⁷

Com base nas imagens, podemos verificar a forma que do sinal PROFESSOR, na imagem 1, à esquerda, consta o sinal que se iniciava com os dedos flexionados na direção da testa e com a mesma flexão se direcionam para fora do corpo. Na imagem 2, à direita, o sinal modifica todos os parâmetros, onde acontece que um sinal assumiu o lugar do outro sinal, e continua o mesmo sentido. A imagem 1 remete ao sinal de instruído que inicia com os dedos flexionados na frente da testa, assim o professor se torna um orientador do conhecimento.

(5) Gramatical: se refere a mudanças na forma gramatical, porém existe situações que seu objetivo não somente gramatical, mas sua finalidade é a redução ou economia e clareza das palavras. Essa mudança pode modificar o aspecto gramatical como nos exemplos (25) e (26):

- (25) CUJO – de algo.
- (26) AQUI – neste lugar

¹⁶ Jaguar, Tapir, Urubu, são palavras de origem indígenas dos Tupis, nomes dado aos animais americanos, depois foram substituídos por Onça, Anta e Corvo, que são palavras da língua portuguesa.

¹⁷ Montagem a partir de imagem coletadas em Gama (1875) e Capovilla (2009).

Na Libras esse fenômeno pode acontecer também, como exemplo o sinal de AZUL, que antes era realizado com várias configurações de mão e foi se modificando e ficando de uma forma, com poucas configurações de mão, conforme ilustrado na Figura 32.

Figura 32 – Exemplo do sinal AZUL



Fonte: Fernandes e Strobel (1998)

Na Figura 32, na primeira imagem tem-se uma soletração da palavra AZUL, e a utilização do movimento, se tornando um sinal soletrado, na segunda imagem ocorre uma subtração dessa soletração, constando um movimento diferente, alterando o fonema, na última imagem acontece uma nova alteração do fonema, desta forma o sinal teve essa redução.

Esses tipos de mudanças como foi apresentado estão presentes na Libras, em alguns altera o fonema, em outros as palavras/sinais e ocorrem situações que modificam por completo a palavra/sinal ou se adaptam. Assim, essas escolhas podem ocorrer no campo fonomorfológico, dependo de suas realizações.

Por se tratar de uma pesquisa fonomorfológica apresenta o eixo paradigmático, proposto por Saussure (2006), que descreve como a seleção de uma ideia mediante o seu conjunto, ao realizar esta escolha a torna verdadeira.

A língua possui dois eixos de organização, o eixo sintagmático e o eixo paradigmático. O eixo sintagmático é definido como eixo das combinações e o paradigmático como eixo das escolhas, ou seja, são possibilidades de combinações e escolhas disponíveis dentro do campo de alternativas. Esses eixos contribuem para o funcionamento da língua, que funciona a partir de seu encontro dentro da cadeia linguística (Souza; Crestani, 2017, p.4).

Para isso, discutiremos as noções do plano sintagmático e paradigmático das línguas nas subseções subsequentes.

2.4 SINTAGMA E PARADIGMA

Antes de tratarmos sobre as noções de sintagma e paradigma, trazemos algumas considerações sobre o linguista Ferdinand de Saussure, “considerado o pai da linguística moderna, por ter contribuído para desvendar os mistérios da linguagem[...]”, segundo Souza e Crestani (2017, p. 2). Sua teoria contribuiu para entender o funcionamento da linguagem humana, “a base de todo e qualquer desenvolvimento cognitivo de um indivíduo” (Souza; Crestani, 2017, p. 2).

Saussure foi um dos primeiros estruturalistas que realizou a implantação do estruturalismo¹⁸ dentro da linguística, sua teoria explica como a língua funciona, a qual seria a “soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre indivíduos” (Saussure, 2006, p. 27). Isso significa que quanto mais pessoas tiverem as mesmas escolhas isso passa ao senso comum ou como Saussure (2006) afirmou, um padrão coletivo.

Ao estudar uma língua, devemos entender como ela funciona, as relações que possa proporcionar e como as diferenciar linguisticamente. Dessa forma, ao estudá-las descobre-se a existência de dois eixos, o sintagmático e o pragmático.

2.4.1 Sintagma

Quando nos referimos ao eixo sintagmático das línguas, nos direcionamos às combinações que a língua pode promover. Saussure (2006, p. 142) explica o que é o sintagma da seguinte forma:

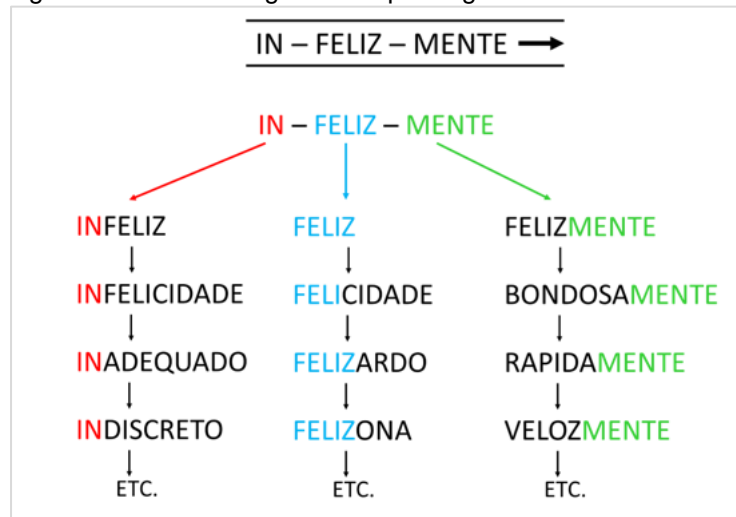
Estado de língua, tudo se baseia em relações [...]. As relações e as diferenças entre termos lingüísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua. De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo [...]. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas.

¹⁸ O estruturalismo é o nome científico dado ao método que estuda a organização da língua e como se ela se organiza, suas relações de modo descritivo.

Assim o sintagma é uma unidade, que tem um núcleo, ao realizar a junção com outra unidade realizar uma sentença. Porém o sintagma “não só as palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie [...]” (Saussure, 2006, p. 143-144).

Quando se fala em sintagma podemos imaginar as diversas combinações existentes, Saussure (2006) explica que no subconsciente tem diversas combinações. Assim, para demonstrar como acontece teremos o exemplo da palavra **infelizmente**, que será utilizada a unidade na linha horizontal e na vertical as associações possíveis, conforme a Figura 33 abaixo.

Figura 33 – Eixo sintagmático e paradigmático em *infelizmente*



Fonte: Produzido pela autora

A partir do exemplo, pode-se notar que uma palavra pode formar uma infinidade de outras sentenças, porém essas novas formações só são possíveis a partir da decomposição¹⁹.

2.4.2 Paradigma

O paradigma é a seleção de composição e a exclusão de outros sintagmas. “A relação sintagmática existente *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos

¹⁹ A formação das palavras está associada com partes que ao se juntarem formam uma sentença (palavra), para isso os estudos mórficos podem descrever o radical, tema, afixos, desinências, vogais temáticas, vogais e consoantes de ligação. Assim, a decomposição é a descrição das partes que foram separadas da sentença.

igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (Saussure, 2006, p. 143).

Segundo Souza e Crestani (2017, p. 5), no eixo paradigmático, “o valor dos elementos selecionados se dão pela oposição de termos ausentes e situam-se na memória do falante, é o eixo da seleção”. Dessa forma, o eixo paradigmático é a seleção de um elemento e não de outro, dentro das múltiplas possibilidades para a seleção e a produção de uma sentença.

Para demonstrar o funcionamento dos dois eixos, trazemos a ilustração na Figura 34 representativa do eixo sintagmático, na horizontal, por este eixo ser linear, está associado às combinações, para a realização de frases, estando ligados à sintaxe. O eixo paradigmático, que será apresentado na vertical, está associado às escolhas feitas para a formação dos textos. O objetivo é a seleção e repasse da informação clara.

Assim como o filósofo John Toland explica que na física “dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo” (Baptista, 2006, p. 541) da mesma forma acontece no paradigma, em que duas palavras não podem estar presentes ao mesmo tempo, por isso se tem as escolhas à disposição dos usuários da língua.

Figura 34 – Eixo sintagmático e paradigmático

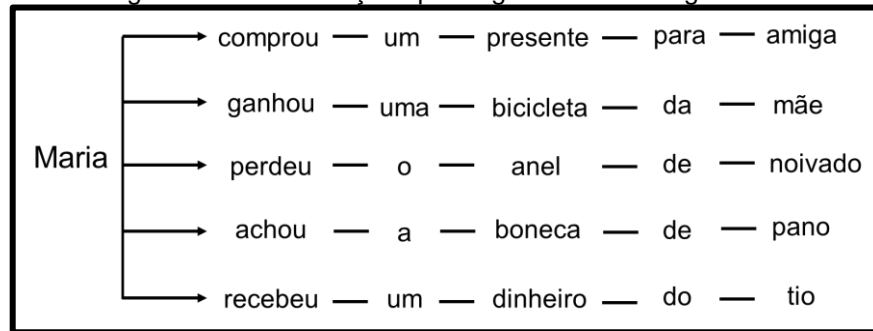
		Sintagmático (combinações)						
		→						
Paradigmático (escolhas)	↓	O	RAPAZ	ARREMESSOU	A	BOLA	NO	RIACHO
		MEU	FILHO	JOGO	O	BRINQUEDO	NA	ÁGUA
		AQUELE	GAROTO	LANÇOU	UM	OBJETO	NO	RIO

Fonte: Produzido pela autora

Para essa produção foram realizadas as combinações e as escolhas de uso da língua. No eixo paradigmático tem-se a escolha que conseqüentemente exclui outras, já o sintagma é a presença de combinações possíveis.

A seguir, destacamos outros exemplos dessas combinações e escolhas presentes, representadas na Figura 35.

Figura 35 – Combinações paradigmáticas e sintagmáticas



Fonte: Produzido pela autora.

Assim pode-se afirmar que a técnica de comutação está presente na linguística da língua de sinais, essa substituição de um elemento por outro pode formar outros sinais. De acordo com Guérios (2010, p. 12), quando “a segmentação for cada vez menor, chegar-se-á ao fonema, elemento indecomponível, não sendo assim realizar mais divisões”. Na Libras essa menor unidade é um parâmetro, que ao ser modificado altera o sentido do sinal, isso realizado na perspectiva do eixo paradigmático do sistema.

Para a realização das análises à luz do eixo paradigmático, será utilizada a escrita de sinais para descrever os sinais na escrita, assim, no próximo tópico terá como foco o *SignWriting*, escrita selecionado pela autora.

2.5 ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS – SIGNWRITING

Durante muito tempo não se tinha pesquisas para sistematizar o processo de registro da escrita das Línguas de Sinais, eram utilizados apenas métodos com desenhos dos sinais. A partir de 1822, com Bébian, se teve o primeiro método de escrita, mesmo antes das publicações de legitimação da língua, porém pouco utilizado. Em 1972, surge o *SignWriting*, sistema de escrita criado por Valerie Sutton, método esse mais utilizado e que contribui para o *status* de língua das línguas de sinais.

Valerie Sutton nasceu nos Estados Unidos da América, no estado de Nova Iorque, dançarina aposentada, desenvolveu o *DanceWriting* como forma de registro dos passos de Balé, no ano de 1972, seu trabalho foi publicado em um artigo. Na Dinamarca, estudiosos da língua de sinais buscavam maneiras de realizar registros dos sinais em escrita, uma forma que não fosse desenho e facilitasse a compreensão

de quem lesse, nesses períodos havia diversos sistemas de escritas, mas não conhecido por Sutton, pois ela não era da área da surdez.

Na Dinamarca, Sutton é convidada a realizar a notação dos sinais a ela apresentados, assim surgiu em 1974, o *SignWriting* que é um sistema de escrita dos sinais, seu principal objetivo é de grafar de forma detalhada cada sinal, a princípio era apenas uma extensão do *DanceWriting*. Para Barreto e Barreto (2015, p. 71), é possível ver características da dança “tais como as pautas, “o boneco”, a escrita horizontal da esquerda para a direita usando uma Perspectiva Receptiva, etc.”.

Como ao dançar o corpo se expressa em movimento, Sutton escrevia no *DanceWriting*, ao desenvolver o *SignWriting* realizava com mais facilidade o registro por ser uma língua gestual, que usa de movimentos corporais. Na Dinamarca, Sutton teve contato com os surdos, ao retornar para os Estados Unidos da América teve ajuda dos pesquisadores norte-americanos para fazer os registros dos sinais locais, onde houve uma padronização das regras de registro. Stumpf (2005) descreve as modificações que foram realizadas:

O sistema, como acontece com aqueles adotados pelas línguas orais sofreu ao longo de sua existência, evoluções na forma e/ou adaptação dos elementos estruturais de escrita. No decênio que foi do ano de 1986 ao de 1996, o *SignWriting* sofreu suas maiores transformações que foram a passagem do ponto de vista receptivo para o ponto de vista expressivo, de uma parte, e de outra, a da localização gráfica dos elementos que compõe o sinal gestual. A primeira dessas modificações concerne ao ponto de vista do leitor/escritor. [...] A partir, da metade dos anos 80, com o concurso de dois usuários ativos do *SignWriting*, o ponto de vista expressivo substitui o receptivo. [...] O papel de uma ELS é o de anotar aquilo que o escritor produz sinalizando, como ele vê, e não como uma notação de ponto de vista receptivo que inverte a perspectiva, como em um espelho e que teria mais de transcrição do que de escrita. A segunda modificação está relacionada à organização dos elementos gráficos dentro de um determinado sinal gestual. Essa mudança foi impulsionada por um grande número de usuários da forma manuscrita. E resultou na organização “empilhada”. Os símbolos manuais colocados sob o círculo que representa a cabeça, e que contém símbolos ilustrando as mímicas faciais. Cada “signo-pilha” com os elementos organizados dentro de um “triângulo ideal” uma “pilha” substituindo a anterior organização que era numa linha horizontal. As últimas evoluções sofridas pelo *SignWriting* mudam o sentido da leitura do texto com a apresentação em colunas, começando pela coluna da esquerda. [...] Essa mudança não afetou profundamente o sistema, pois o sentido da leitura não mudou definitivamente e os escritores continuam escolhendo escrever no sentido horizontal ou no sentido vertical (Stumpf, 2005, p. 52-53).

Nesse período, o registro era exclusivamente feito por papel, com o avanço da tecnologia e por interesse de divulgação da escrita, ele passa para os computadores, antes havia uma certa complexidade ao ler, havendo uma

padronização que facilitasse a leitura, e levando a pesquisadores cada vez mais a utilizar esse sistema. Barreto e Barreto (2015) demonstram como esse sistema vem sendo utilizado no mundo:

Em todo mundo, são incontáveis as publicações técnico-científicas, os glossários, os dicionários, os livros literários, os programas computacionais, os sites, os blogs, os artigos científicos, os trabalhos de conclusão de curso, as dissertações de mestrado e as teses de doutorado, etc. em ELS ou sobre este sistema (Barreto; Barreto, 2015, p. 72).

O *SignWriting* é um sistema de escrita que, com o passar dos tempos, foi sendo aperfeiçoado no qual “é possível notar também regras ortográficas diferentes entre uma língua e outra” (Martins, 2007, *apud* Barreto; Barreto, 2015, p. 73). Mas mesmo tendo essa diferenciação não impede de que haja o registro em outras línguas.

Na transposição para o sistema computacional, o *SignWriting* ganhou espaço na internet com o *SignPuddle*, que é um dicionário on-line, tem a presença de pesquisadores, amantes da escrita que contribui com o sistema, realizando a alimentação do site com novos sinais. Com essas contribuições e a eficácia da escrita, as línguas de sinais ficaram reconhecidas, enquanto línguas.

No Brasil, o *SignWriting* chega por meio da pesquisadora Marianne Rossi Stumpf, em 2015, em sua tese de doutorado com o tema “Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema *SignWriting*: línguas de sinais no papel e no computador”. Stumpf é surda, professora de Libras na Universidade Federal de Santa Catarina, graduada em Tecnologia da Informática, requisitos esses que elencaram sua pesquisa na escrita da língua de sinais.

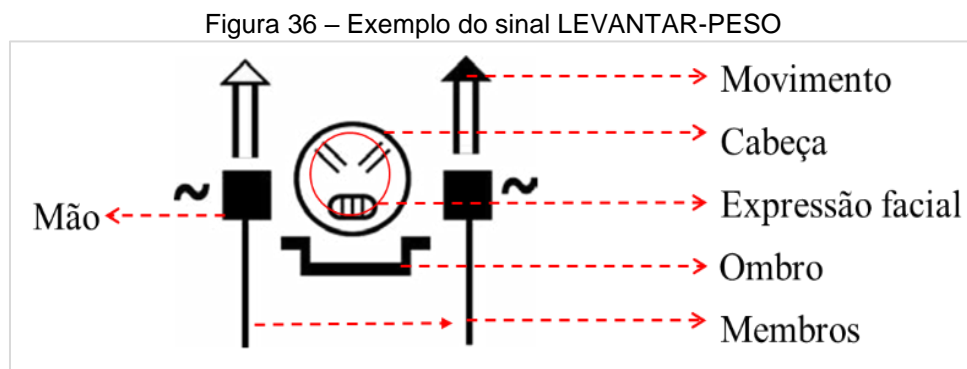
2.5.1 Escrita de Sinais e suas propriedades

Os sinais da Libras, por ser uma língua visual espacial, ao serem grafados tornam clara a identificação dos grafemas. Ao realizar o registro visualmente se tem as partes do sinal que são os fonemas da língua. Para falar um pouco mais sobre as dimensões visuais que a grafia realiza, Stumpf (2005) descreve que:

As línguas de sinais utilizam três dimensões espaciais essencialmente para a marcação das relações sintático-semânticas. O sinalizador atribui a um lugar, uma data ou um protagonista do enunciado uma porção do espaço de sinalização. Com esse procedimento ele cria um referencial espacial, temporal de atuação. Quando a porção do espaço está demarcada ela é

apontada pelo sinalizador cada vez que ele precisar fazer referência ao objeto que ele colocou lá. Em teoria, podemos criar quantos referenciais sejam necessários para o discurso (Stumpf, 2005, p. 53- 54).

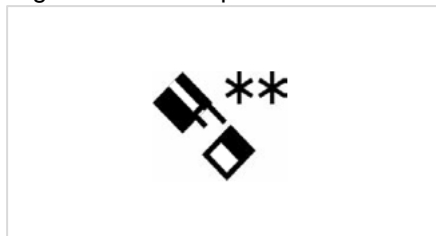
Com a escrita de sinais pode identificar os fonemas, morfemas, a sintaxe, a semântica e a pragmática da língua de sinais, deixando de forma visível como a língua reage. Barreto e Barreto (2015, p. 76) descrevem que “as principais categorias de grafemas representam de maneira visual a cabeça, a face, o tronco, os membros, as mãos e os movimentos, outros grafemas representam as dinâmicas e o tempo”. Assim, ilustramos na Figura 36, a seguir, os principais grafemas, para dar como exemplo o sinal de LEVANTAR-PESO (atividade física).



Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 210).

O exemplo acima demonstra cada um dos parâmetros da língua de sinais, nesse sinal podem ser identificados todos, porém nem todos os sinais ao serem grafados encontram todos os parâmetros. Tendo como exemplo o sinal de DURO, Figura 37, onde só se tem a configuração de mão e o movimento que o sinal realiza.

Figura 37 – Exemplo do sinal DURO



Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 142).

Ao realizar a descrição do sinal temos os fonemas, porém eles são lidos juntos, pois cada parâmetro sozinho não possui significado. Segundo Barreto e

Barreto (2015, p. 77), “Os sinais são registrados em duas dimensões onde os grafemas são organizados para formar um ou mais morfemas”.(

Para a realização do *SignWriting* foram convencionados alguns termos para facilitar o entendimento ao realizar o registro, por ser uma língua que tem característica icônica e apresentar traços arbitrários esse sistema exemplifica de forma mais clara os sinais, sendo o sistema mais usado no mundo.

Muitas pessoas não conhecem a escrita de sinais e ao ter o primeiro contato pensam que são desenhos ou até mesmo uma ideografia. De acordo com Barreto e Barreto (2015, p. 78), nessa perspectiva seria semelhante dizer que as palavras são desenhos. Para demonstrar a diferença entre desenho, ideografia e escrita de sinais, ilustramos na Figura 38 o sinal SAÚDE.

Figura 38 – Exemplo do sinal SAÚDE



Fontes: Compilação da autora²⁰

A Figura 38 mostra a representação do sinal de SAÚDE em desenho, a imagem 2 traz o ideograma da palavra saúde e na imagem 3 é mostrada a escrita da língua de sinais em *SignWriting*, tendo um diferencial, sendo uma representação clara dos sinais de forma escrita.

Para realizar a escrita, é necessário que se conheça a língua sinalizada, sua estrutura linguística e gramatical, para que assim ao adquirir as regras da escrita compreenda como ela funciona na identificação dos sinais. Isso é o que ocorre também em outras línguas, porque ao se entender as regras gramaticais das línguas orais, por exemplo, a forma escrita facilitará o processo de aquisição da língua, bem como o aumento do glossário, da mesma forma acontece na escrita de sinais, ampliando o conhecimento e enriquecendo a sinalização, podendo recorrer à escrita quando não se recordar do sinal.

²⁰ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites <https://www.ces.org.br/site/vamos-aprender-libras.aspx> e <https://br.pinterest.com/pin/339318153168707812> respectivamente e de Barreto e Barreto (2015, p. 147).

No Brasil alguns autores explicam a importância do ensino da escrita de sinais no processo de alfabetização de crianças surdas, que auxilia no processo de aquisição da Língua portuguesa. Nascimento (2018) afirma que:

[...] a Libras/L1 tem um papel preponderante nesse contexto, pois, o surdo só conseguirá correlacionar o que for lido com a experiência visual que ele tenha tido em sua L1. Justamente nesse aspecto que o método em usar a ELS/SW no processo de alfabetização e letramento da LP/L2, [...] o método favoreceu a ELS/SW no processo de alfabetização de L2. A ELS/SW favorece a memória visual da estrutura do texto em Libras/L1 (Nascimento, 2018, p. 119).

Da mesma forma que a escrita de sinais ajuda no processo de alfabetização de pessoas surdas, também auxilia na aprendizagem de pessoas ouvintes usuárias da língua de sinais. Ao aprender a escrita e houver textos escritos em *SignWriting* é uma forma de autonomia na leitura da pessoa surda. Barreto e Barreto (2015) afirmam que:

Traduzir para a Libras o que antes estava disponível apenas em Português é romper paradigmas, escrever nova história, trazer vida a um texto aparente morto. Não que a vida lhe tivesse escapado, mas os olhos dos surdos muitas vezes não conseguem lhes capturar o sentido devido aos fatores supramencionados. Seu olhar, seu pensamento, suas mãos se constroem sobre outro paradigma. Traduzir é abrir portas para um novo mundo (Barreto; Barreto, 2015, p. 110)

Nessa perspectiva, a escrita dos sinais no Brasil vem crescendo de forma singela, mas cada vez mais ganhando seguidores fiéis que contribuem linguisticamente e culturalmente com publicações, dissertações e teses. A escrita e leitura em escrita da língua de sinais é uma forma de acessibilidade ao surdo, pois ele poderá recorrer ao material em caso de dúvidas, assim como a valorização da língua.

2.5.2 Estrutura do *Signwriting*

A visão da escrita, de acordo com Barreto e Barreto (2015, p. 121), é do sinalizante, “este ponto de vista é chamado também de Perspectiva do sinalizador”. Assim, a escrita se baseia na mão dominante, no caso de pessoas canhotas fica na sua perspectiva. A grande maioria das literaturas sobre ELS está escrita para a mão destra.

Praticamente toda a literatura disponível em ELS no Brasil e no mundo, principalmente a de cunho formal como livros e dicionários, está escrita do ponto de vista do destro. Parece haver um consenso natural que a nível formal deveria ser do ponto de vista adotado na escrita (Barreto; Barreto, 2015, p. 122).

Com a utilização da mão esquerda ou da direita não interfere na leitura, são poucos casos de canhotos, mas ainda encontrados como em Carneiro (2017), autor canhoto que em sua obra afirma que:

Perceba que, assim como na LS é indiferente qual mão é a ativa e qual é a passiva (seja esquerda, seja direita), na ELS também há essa não distinção. Sendo assim, é possível encontrar diferentes escritas para um mesmo sinal. Muitos dos sinais registrados nesse documento estão baseados na sinalização de canhotos em função de essa ser minha mão dominante, contudo não há problema algum em realizar uma escrita destra, desde que sejam respeitadas as regras apresentadas até o momento, principalmente a da cor das setas (Carneiro, 2017, p. 40).

Dessa forma, a pessoa que realizar a escrita de sinais deve saber as regras da escrita, lembrando que é na perspectiva do sinalizador e não do observador. Para grafar utiliza-se da estrutura de Configuração, Movimento, Expressão e Corpo, dentro de cada há as especificidades que serão abordadas a seguir.

2.5.2.1 Configurações de mão e braço

As configurações de mão estão divididas em seis pontos e a de braço em quatro pontos, realizadas da seguinte forma, de acordo com Stumpf (2005, p. 62):











Figura 39 – Configurações de mão e braço

Configuração	
Mão	Braços
Grupo	Plano do antebraço:
Sentido	Ângulo do antebraço:
Palma	Plano do braço:
Posição	Ângulo do braço:
Configuração dos dedos	
Local	

Fonte: Stumpf (2005, p. 62)

1) As configurações de mão: As configurações de mão são divididas em 10 grupos, dentro de cada grupo existem as demais configurações de mão que são realizados a partir do grupo dos dedos, os grupos são da seguinte forma:

Figura 40 – Configurações de mão

Configuração da Mão	
	Grupo 1 Indicador
	Grupo 2 Indicador Médio
	Grupo 3 Polegar, Indicador e Médio
	Grupo 4 Quatro Dedos
	Grupo 5 Cinco Dedos
	Grupo 6 Mínimo
	Grupo 7 Anelar
	Grupo 8 Médio
	Grupo 9 Indicador e Polegar
	Grupo 10 Polegar







Fonte: Barretos e Barretos (2015, p. 390-394)

Stumpf (2005) ao realizar sua pesquisa registrou 71 configuração de Mão, Barreto e Barreto (2015) catalogaram 111 configurações de mão, Carneiro (2017) registra 261 configurações presentes no site do *SignPuddle Online*. Mesmo que cada um dos autores tenha registrado quantidades de mão em quantitativo diferente, ainda assim segue a mesma regra de grupo.

2) Sentido: Nesse ponto será o sentido em que a mão se encontra, se está paralela ao chão ou se está paralela à parede, ou se está sendo realizada com qual das mãos. Stumpf (2015, p. 62) afirma que “há sinais que, embora fonologicamente possam ser executados indiferentemente com qualquer uma das mãos, a representação será escrita, necessariamente, com a mão direita ou com a mão esquerda devido à posição dos dedos”. Há sinais que são realizados com as duas mãos e outros apenas com uma mão. Podem ser os com as duas mãos simétricas ou assimétricas, por isso se faz necessário realizar o sentido da mão.

3) Palma: Para realizar a grafia da mão é preciso identificar como se visualiza a mão, podendo ela estar em três posições, tendo a visão paralela à parede ou ao chão.

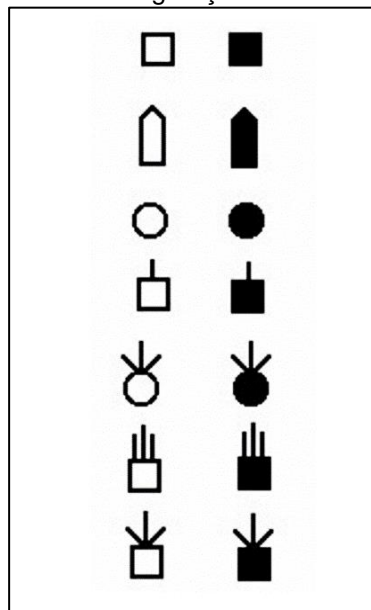
Figura 41 – Configurações de palma da mão

	Dorso da Mão	Mão Paralela a Parede
	Lado da Mão	
	Palma da Mão	
	Dorso da Mão	Mão Paralela ao Chão
	Lado da Mão	
	Palma da Mão	

Fonte: Produzido pela autora

Stumpf (2005, p. 63) descreve que “o sistema *SignWriting* tem sete símbolos que podem representar a mão sem especificar se essa mão é a direita ou a esquerda”.

Figura 42 - Símbolos de configurações de mão sem especificação

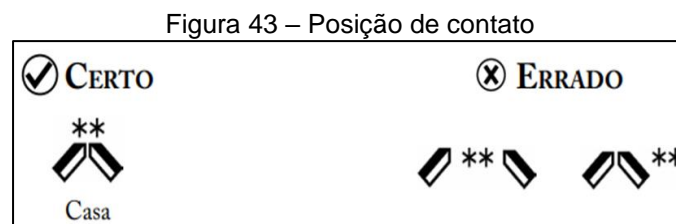


Fonte: Stumpf (2005, p. 63)

4) Posição: A posição do contato do sinal se faz necessário para facilitar a leitura, caso não seja colocada de forma correta poderá causar interferências na leitura. As "posições de contato são importantes porque elas reforçam o significado do sinal" (Stumpf, 2005, p. 64). Barreto e Barreto (2015, p. 136) afirmam o seguinte:

Ao escrever um sinal em que ocorre qualquer tipo de contato, é necessário estar atento a algumas regras que facilitam tanto a escrita quanto a leitura. Princípio geral: SEMPRE escreva a posição de contato. Desta forma, os olhos conseguirão localizar com facilidade onde o contato está ocorrendo. E então, os grafemas de contato e as setas de movimento mostrarão como é este contato. Os grafemas de contato devem ser posicionados próximos ao local onde ocorre o contato. NUNCA devem ficar entre a mão e a parte tocada.

Assim, o grafema de contato é importante para diferenciar sinais que exigem o grafema, tendo atenção de não colocar entre as mãos, por exemplo:



Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 136)

O exemplo demonstra que de forma correta é colocado na parte superior e de forma equivocada utilizado entre as mãos e na lateral. Assim, ao realizar o sinal deve-se observar a posição correta, pois se for colocado de forma incorreta pode causar ruídos visuais.

5) Configuração dos Dedos: A configuração de dedos está incluída nas configurações de mão, onde os grupos, de acordo com os dedos, na presença do indicador e o acréscimo, os dedos podem estar flexionados, agrupados ou estendidos.

6) Local: O sinal pode ser realizado na Cabeça (dividido em diversas partes da cabeça), no Tronco, Membros (em específico os braços) ou no Espaço Neutro.

2.5.2.2 Movimento

O movimento pode ser dos dedos (interno) ou da mão (externo), sendo dividido, conforme Barreto e Barreto (2015) em: (a) contato; (b) movimento dos dedos;

(c) retas plano parede; (d) retas plano diagonal; (e) retas no plano chão; (f) curvas planas no plano parede; (g) curvas que batem no plano parede; (h) curvas que batem no plano chão; (i) curvas paralelas ao plano chão; (j) círculos e (k) dinâmica de tempo, como demonstrado na Figura 44 e detalhados a seguir.

Figura 44 - Movimentos

Movimentos
Contato
Movimento dos Dedos
Retas Plano Parede
Retas Plano Diagonal
Retas no Plano Chão
Curvas Planas no Plano Parede
Curvas que Batem no Plano Parede
Curvas que Batem no Plano Chão
Curvas Paralelas ao Plano Chão
Círculos
Dinâmica e Tempo

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

(a) Tipos de Contato: os contatos são representados de “forma que compõe o sinal, seja mão com mão, mão com corpo ou mão com cabeça” (Stumpf, 2005, p. 78).

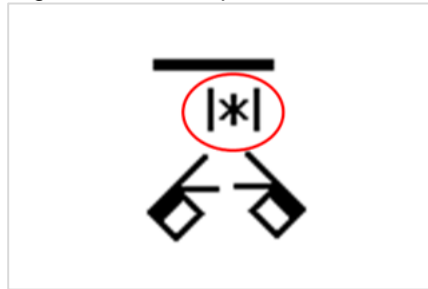
Figura 45 – Tipos de contato

*	Tocar	*	Tocar Entre
+	Pegar	+	Pegar Entre
#	Bater	#	Bater Entre
⊙	Escovar	⊙	Escovar Entre
⊙	Esfregar	⊙	Esfregar Entre
⌒	Plano Chão	⌒	Plano Parede
⊖	Plano Chão (Entre o topo e a parte de baixo)	⊖	Plano Parede (Entre a frente e a parte de trás)

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Um exemplo de sinal utilizando um dos tipos de contato, neste caso foi selecionado o sinal de UNIR (Universidade Federal de Rondônia). O grafema utilizado é o “tocar entre, circulado em vermelho.

Figura 46 – Exemplo do sinal UNIR



Fonte: *SignPuddle Online*²¹

(b) O Movimento dos dedos: pode ocorrer de forma que o dedo pode fechar e abrir, flexionar e realizar a extensão, para cada um dos movimentos que o dedo realiza tem um tipo de grafema.

Figura 47 – Movimentos dos dedos

	Articulação Média Fechada		Articulação Média Abre
	Flexão do dedo na Articulação Proximal		Extensão do dedo na Articulação Proximal
	Flexão e Extensão dos dedos na Articulação Proximal		
	Flexão dos dedos alternados na Articulação Proximal		Extensão dos dedos alternados na Articulação Proximal
	Flexão e Extensão dos dedos alternados na Articulação Proximal		
	Flexão ou Extensão dos dedos na Articulação Proximal com dois dedos		
	Flexão e Extensão dos dedos na Articulação Proximal com dois dedos		

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Para exemplificar um dos tipos de movimentos realizados pelos dedos foi selecionado o sinal que era utilizado para o estado do ACRE²². O movimento utilizado pelos dedos é o de flexão dos dedos alternados na articulação proximal.

Figura 48 – Exemplo do sinal ACRE







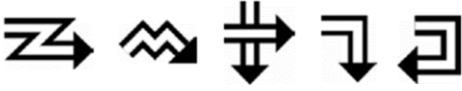


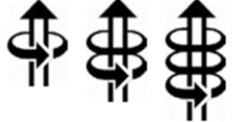
Fonte: *SignPuddle Online*

²¹O sinal foi criado pela comunidade surda do estado de Rondônia, com a presença de pessoas surdas nos espaços acadêmicos de forma direta e indireta se fez necessário a criação do sinal. O seu registro se fez pela docente da universidade Indira Simionatto em 2017, por meio do SignPuddle Online.

²² Estado da região norte brasileira.

(c) Retas Plano Parede: esse tipo de movimento está ilustrado a seguir na Figura 49, de acordo com as proposições de Barreto e Barreto (2015).

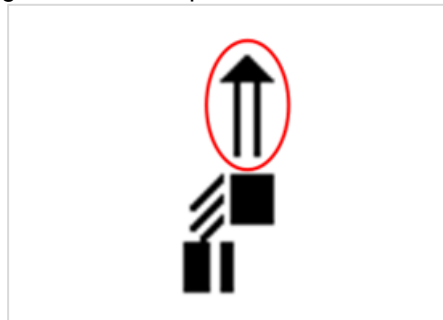
Figura 49 – Retas plano parede

	Seta Plano Parede Mão Direita		Seta Plano Parede Mão Esquerda
	Ponta de Seta Geral Parede		Setas Retas próximo ao Pulso para baixo ou para cima
		Outros tipos de Setas de movimento	
	Giro do antebraço paralelo a Parede (única direção)		Giro do antebraço paralelo a Parede (agitam rapidamente)
		Movimentos Paralelo a Parede mais complexos	

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Como exemplo de movimentos de retas no plano parede, trazemos na Figura 52 o sinal de MESTRADO, que se utiliza da seta plano a parede da mão direita, circulado em vermelho.

Figura 50 – Exemplo do sinal MESTRADO



Fonte: SignPuddle Online

(d) Retas Plano Diagonal: nesse tipo de movimento, tem-se a diagonal para cima em direção ao horizonte e em direção ao corpo, de acordo com Barreto e Barreto (2015), ilustrado na Figura 51 a seguir.

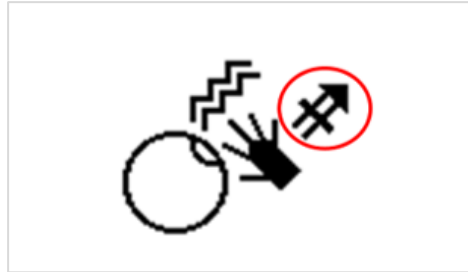
Figura 51 – Retas plano diagonal

	Diagonal para cima em direção ao horizonte		Diagonal para cima em direção ao corpo
---	--	---	--

Fonte: Adaptado de Barreto e Barreto (2015)

O exemplo para demonstrar o tipo de reta plano diagonal selecionado foi o sinal de SONHAR que utiliza a direção horizontal.

Figura 52 – Exemplo do sinal SONHAR



Fonte: SignPuddle Online

(e) Retas Plano Chão: esse movimento apresenta as seguintes orientações conforme ilustradas na Figura 53 com referência a Barreto e Barreto (2015).

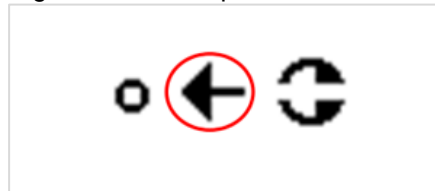
Figura 53 – Retas plano chão

	Seta Básica Plano Chão Mão Direita		Seta Básica Plano Chão Mão Esquerda
	Ponta de Seta Geral Chão		Setas Retas próximo ao Pulso para o lado
	Giro do antebraço paralelo ao Chão (única direção)		
	Giro do antebraço paralelo ao Chão (agitam rapidamente)		

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Trazemos como exemplo o sinal de NOVO, que utiliza a seta básica plano ao chão da mão direita, o fonema está circulado em vermelho na Figura 54.







Figura 54 – Exemplo do sinal NOVO



Fonte: SignPuddle Online

(f) Curvas Planas no Plano Parede: na Figura 55 estão dispostos os tipos de movimentos, de acordo com os apontados por Barreto e Barreto (2015).

Figura 55 - Curvas Planas no Plano Parede

	Movimento Curvo		
	Outros tipos de movimentos paralelos à parede de frente		
	Rotação paralela ao Chão: braço estendido (antebraço)		
	Rotação paralela ao Chão: braço estendido (usado em classificadores)		
	Movimento de giro/vibração com o antebraço paralelo ao chão		Movimento de giro/vibração com o antebraço paralelo ao chão (ponta de seta para mostra onde começa)

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Como exemplo para demonstrar um sinal que tenha o grafema de movimento foi selecionado o sinal de CARACTERÍSTICA que tem o movimento curvo, representado na Figura 56.

Figura 56 – Exemplo do sinal CARACTERÍSTICA



Fonte: Barreto e Barreto (2015)

g) Curvas que batem no Plano Parede: neste movimento são indicadas setas para cima e para baixo que se curvam para frente ou em direção ao corpo, segundo Barreto e Barreto (2015), indicado na Figura 57.

Figura 57 - Curvas que batem no plano parede

	Setas de movimento para cima e para baixo que se curva para frente		Setas de movimento para cima e para baixo que se curva em direção ao corpo
---	--	---	--

Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 197).

Para demonstrar o grafema de movimento, utilizou-se o exemplo do sinal de SUSTO na Figura 58. O círculo vermelho usou a seta de movimento para cima e para baixo.

Figura 58 – Exemplo do sinal SUSTO



Fonte: SignPuddle Online

(h) Curvas que batem no Plano Chão: de acordo com Barreto e Barreto (2015) existem as seguintes especificações, conforme a Figura 59.

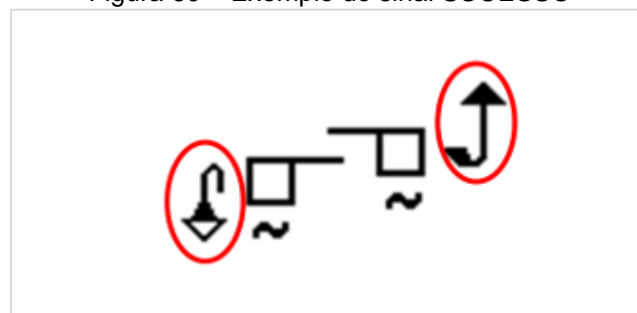
Figura 59 – Curvas que batem no plano chão

	Movimento Curvo arco por cima (aproxima do sinalizador)		Movimento Curvo arco por cima (afasta do sinalizador)
	Movimento Curvo arco por baixo (aproxima do sinalizador)		Movimento Curvo arco por baixo (afasta do sinalizador)
		Outros tipos de movimentos paralelos ao chão	
		Rotação paralela ao Chão: braço paralelo à frente do tórax	

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Para representar o tipo de movimento foi selecionado o sinal de SUCESSO, que se utiliza das duas mãos, logo na ponta das setas se encontra na mão esquerda em branco e na mão direita a ponta da seta é preta.






Figura 60 – Exemplo do sinal SUCESSO



Fonte: SignPuddle Online

(i) Curvas Paralelas ao Plano Chão: a Figura 61 abaixo mostra os movimentos possíveis com base em Barreto e Barreto (2015).

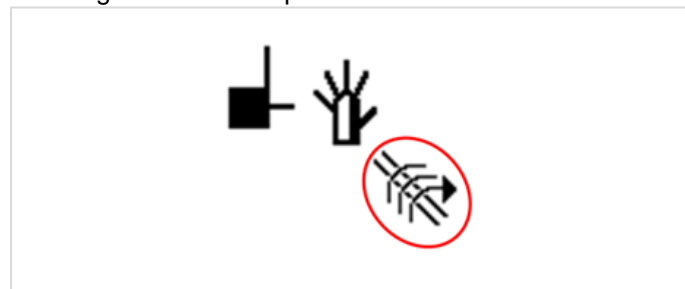
Figura 61 - Curvas Paralelas ao Plano Chão

	Movimentos curvos plano chão		
	Outros tipos de movimento paralelos ao chão		
	Movimento do Antebraço rotação paralelo a parede		
	Movimento de giro/vibração com o antebraço paralelo à parede frontal		Movimento de giro/vibração com o antebraço paralelo à parede frontal (ponta de seta para mostra onde começa)

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Como exemplo o sinal de LETRAS-LIBRAS, que utiliza a o movimento de giro/vibração com o antebraço paralelo a parede.







Figura 62 – Exemplo do sinal LETRAS-LIBRAS



Fonte: SignPuddle Online

(k) Círculos: de acordo com Barreto e Barreto (2015), os círculos podem variar em movimento circular plano parede ou chão, além de lateral e rotações paralelas, conforme a representados na Figura 63.

Figura 63 – Círculos

	Movimento circular plano parede
	Movimento circular paralelo ao chão
	Movimento circular lateral
	Rotação paralela a parede de frente ao sinalizador (movimento originado no pulso)
	Rotação paralela à parede lateral (movimento originado no pulso)
	Rotação paralela ao chão (movimento originado no pulso)

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Diante das diversas possibilidades de sinais, o selecionado foi DOMINGO, sinal este realizado na frente da cabeça com movimentos circular plano parede.

Figura 64 – Exemplo do sinal DOMINGO



Fonte: SignPuddle Online

(l) Dinâmicas e Tempo: para Barreto e Barreto (2015), os podem ocorrer dinâmicas de movimento rápido, lento, relaxado e tenso, bem como com relação ao tempo que pode ser de movimento simultâneo, alternado ou consecutivo, como dispostos na Figura 65.

Figura 65 – Dinâmicas e tempo

	Dinâmica de movimento Rápido
	Dinâmica de movimento Lento
	Dinâmica de movimento Relaxado
	Tensão
	Tempo de movimento Simultâneo
	Tempo de movimento Alternado
	Tempo de movimento Consecutivo

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Neste item de foi selecionado o sinal de RÁPIDO com forma de exemplificação na Figura 66.

Figura 66 – Exemplo do sinal RÁPIDO



Fonte: SignPuddle Online

2.5.2.3 Expressão Facial e Corporal

A expressão facial e corporal foi o último parâmetro da língua de Sinais, essa estrutura é “formada por expressões e movimento das diversas partes do rosto [...] quanto às partes do corpo, a estrutura é formada por informações referentes às configurações e movimentos do ombro, tronco e cabeça” (Stumpf, 2015, p. 59). As expressões faciais também podem ser encontradas no *SignWriting*, Carneiro (2017) explica a importância da utilização desse parâmetro na grafia da língua:

Expressões faciais também podem ser escritas na ELS. Alguns autores gostam de escrever expressões faciais no máximo de sinais possíveis, enquanto alguns preferem utilizar apenas para não prejudicar o significado do sinal. O importante é manter a clareza da narrativa. Expressões faciais são mais frequentemente utilizadas ao transcrevermos classificadores. Elas são facilmente identificadas, pois sua escrita é pautada na visualidade. Da mesma forma, expressões corporais também podem ser escritas. Posição do tronco, posição dos ombros, posição dos braços, posição da cabeça. Também são utilizados principalmente em narrativas e na transcrição de classificadores (Carneiro, 2017, p. 51).

Os classificadores são muito presentes na Libras, são utilizados para descrever situações, objetos, animais, pessoas, e outras situações. Assim serão abordadas cada uma das expressões faciais e corporais e suas localizações que, de acordo com Barreto e Barreto (2015), se dispõem em (a) cabeça; (b) Testa, Olhos e Sobrancelhas; (c) Bochechas, Orelhas, Nariz e Respiração; (d) Boca e Lábios; (e) Dentes, Língua e Pescoço; (f) Tronco e (g) Membros.

(a) Cabeça: nessa classificação, abaixo está a ilustração com base em Barreto e Barreto (2015).

Figura 67 - Cabeça

	Cabeça		Movimento da cabeça para cima e para baixo
	Atrás da Cabeça		Cabeça se levanta
	Visão do corpo por cima		Cabeça para baixo
	A Fase		Cabeça inclinada para o lado
			Cabeça vira para a direita e para esquerda
	Cabeça se move para o lado		Cabeça se move para frente e para trás
	Cabeça inclinada para o lado esquerdo		Cabeça inclinada para o lado direito

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

(b) Testa, Olhos e Sobrancelhas: na Figura 68 estão representadas as possibilidades envolvendo Expressão Facial, de acordo com Barreto e Barreto (2015).












Figura 68 - Testa, Olhos e Sobrancelhas

	Sobrancelhas		Sobrancelhas Erguidas
	Sobrancelhas Arqueada		Sobrancelhas para baixo
	Olhos Abertos		Olhos Fechados
	Olhos Apertados		Cílios
	Olhos Semiabertos		Olhos Semifechados
	Olhos Arregalados		

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

(c) Bochechas, Orelhas, Nariz e Respiração:











Figura 69 - Bochechas, Orelhas, Nariz e Respiração

	Bochechas Infladas		Bochechas Sugadas
	Bochechas com Tensão Muscular		
	Soprando o Ar		Aspirando o Ar
	Inspirar		Expirar
	Respirar		
	Nariz		Nariz (toque)
	Orelhas		

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

(d) Boca e Lábios















Figura 70 – Boca e Lábios

	Boca		Boca (toque)
	Sorriso		Grande Sorriso
	Boca Fechada		Boca Aberta
	Boca Aberta		Boca Beijo
	Boca Tensa		Lábios Sugados
	Boca Aberta franzido ao redor		Canto Esquerdo do lábio para cima

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

(e) Dentes, Língua e Pescoço











Figura 71 - Dentes, Língua e Pescoço

	Língua para fora e para baixo		Língua dentro da boca, ao lado esquerdo
	Não se vê a língua, mas ela toca a bochecha esquerda (forma padrão)		Não se vê a língua, mas ela toca a bochecha esquerda (forma enfática)
	Língua escovando a bochecha		
	Língua é vista dentro da boca e se move para cima e para baixo repetidas vezes		Língua é vista dentro da boca e se move de um lado para o outro repetidas vezes
	Dente		Dente superior tocando a língua
	Dente superior tocam lábio inferior		Dente inferior tocam lábio superior
	Dentes mordem lado esquerdo dos lábios		
	Pescoço		Cabelo

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

(f) Tronco

Figura 72 - Tronco

	Movimento do tronco (Normal)		
	Movimento do tronco (virado para a esquerda)		
	Movimento do tronco (virado para a direita)		
	Ombro e cintura		
	Movimento do ombro para cima		Movimento do ombro para cima
	Levantamento de um ombro		Abaixar um dos ombros
	Giro do Tronco		Inclinação do ou Tronco

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

(g) Membros: este grafema é representado por um traço que é usado para mostrar os braços

Figura 73 - Membros




Fonte: Barreto e Barreto (2015)

2.5.2.4 Pontuação

Nas línguas orais, em seu registro escrito, existe a pontuação, como vírgula, ponto final, interrogação entre outros. Na Libras, a pontuação também está presente no *SignWriting* e pode ser identificada, como: vírgula, ponto final, dois pontos, interrogação e parênteses, conforme demonstradas abaixo na Figura 74.

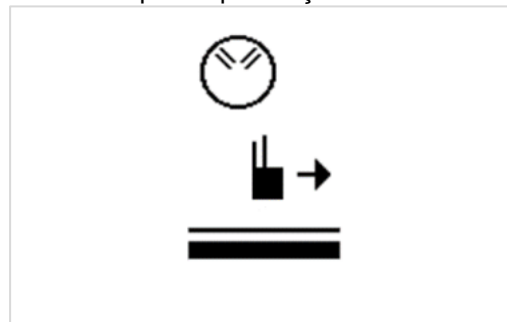
Figura 74 – Pontuação

	Vírgula
	Ponto Final
	Interrogação
	Dois pontos
	Parênteses

Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Como exemplo de pontuação será apresentada a interrogação na frase QUAL SEU NOME? em que a interrogação aparece com um travessão fino e um grosso no final da sinalização.

Figura 75 – Exemplo de pontuação: QUAL SEU NOME?



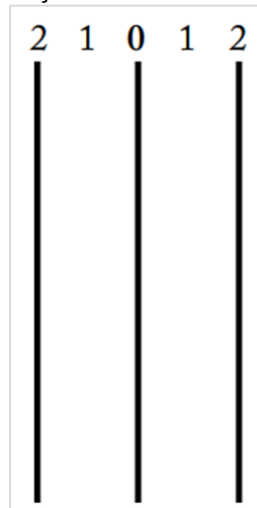
Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Uma questão a ser descrita é que dependendo da pontuação ela pode estar presente na expressão facial.

Para a realização da grafia, o registro não é feito na horizontal da esquerda para a direita, como é realizado na escrita da língua portuguesa, por ser uma língua visual e que tem suas especificidades, sua escrita é na vertical em forma de coluna. Sobre a escrita, Barreto e Barreto (2015) afirmam o seguinte:

Na ELS, cada coluna é dividida por três linhas imaginárias. A “linha 0” marca o centro do corpo. As mãos, a cabeça e o tronco estão localizados nela, assim as mudanças na posição do corpo são facilmente percebidas. As faixas 1 e 2 são os espaços para as mãos e corpo, à esquerda e à direita da linha central. Quando o sinal é feito no centro do corpo, é escrito no centro da coluna. A faixa 1 é usada quando a cabeça e o corpo permanecem no centro, mas as mãos se movem para a esquerda ou para a direita. Quando o tronco se desloca para fora do centro e a cabeça fica na faixa 1, as mãos se movem para a faixa 2 (SUTTON, 1998c). Isto facilita a percepção do uso do espaço de sinalização tanto na leitura quanto na escrita de referentes dêiticos, uso da anáfora e conseqüentemente de comparações espaciais nas Línguas de Sinais. Por estas razões, enfatizamos que a Escrita de Sinais deve ser feita sempre na vertical trazendo altíssimos ganhos tanto para a leitura quanto para a escrita (Barreto; Barreto, 2015, p. 174).

Figura 76 – Disposição da escrita de Sinais em colunas



Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 174).

Para a realização da escrita do *SignWriting* necessita-se o uso de colunas que é uma forma, pois representa a sinalização da pessoa surda, sendo feita na vertical.

Assim, mediante o abordado sobre a escrita da língua de sinais, fica perceptível a importância de sua utilização pela comunidade surda, pois ela atende às peculiaridades da língua, da cultura e identidade surda. O uso do *SignWriting* além de

legitimar a língua, ajuda na aprendizagem do aluno surdo e faz com que tenha um pertencimento linguístico.

A pesquisa utiliza o *SignWriting* como forma de registro dos sinais ao realizar a técnica de comutação, por isso se fez necessária uma abordagem estrutural da escrita, para a realização dessa escrita necessitou-se utilizar uma plataforma virtual, o *SignPuddle*, sendo ela alimentada por pesquisadores e usuários das Línguas de Sinais, tendo grupos de pesquisadores do Brasil e do mundo todo.

Para a utilização da plataforma do *SignPuddle* o pesquisador/usuário deverá ter alguns conhecimentos, como conhecer a escrita para ajudar na realização dos sinais, seguindo as regras ortográficas do *SignWriting*.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção tem como finalidade apresentar a metodologia adotada para esta pesquisa, assim como as características estruturais do estudo, os objetivos e procedimentos empregados na realização da análise e a composição do *corpus*.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza básica, pois direciona o estudo para a teoria, o objetivo principal da pesquisa é descritivo, a qual realiza uma descrição minuciosa de sinais do campo semântico da História e Língua Portuguesa, para isso tem o uso de materiais publicados, como TCC, teses, dissertações, artigos e livros.

Para a análise dos dados coletados fez-se necessário selecionar os vídeos dos sinais na internet para verificação, em seguida gravação e publicação *online* dos sinais para a pesquisa. A partir daí, o uso desses sinais escritos em *SignWriting* fizemos o detalhamento fonomorfológico, para que, dessa forma, fosse utilizada a técnica de comutação nos sinais selecionados.

3.2 ABORDAGEM DE ANÁLISE

Para a realização desta pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa, esse tipo de abordagem compreende fenômenos a partir de análise de processos, discursos, particularidades, experiências e outros quesitos que não são numéricos, exatamente como a pesquisa direciona, pois realiza análise sobre campos semânticos da Libras. Em relação à abordagem qualitativa, Flick (2009, p. 25) explica que “os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo”.

3.3 OBJETIVOS

Nas subseções seguintes, apresentamos o objetivo geral da pesquisa, assim como os direcionamentos dados nos objetivos específicos.

3.3.1 Geral

O objetivo geral desta pesquisa é realizar uma análise fonomorfológica na Libras, para a descrição a utilização do método de comutação, na realização da grafia será utilizado o *SignWriting*.

3.3.2 Específicos

- a) Descrever como acontece a comutação na Libras;
- b) Registrar os sinais selecionados do campo semântico da História e Língua Portuguesa;
- c) Apresentar e analisar como acontece a fonomorfologia no léxico selecionado e como o método de comutação ajudou a identificar essa mudança.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O procedimento realizado na pesquisa é documental, o material de estudo são sinais gravados e registrados em *SignWriting*. Assim, como explica Gil (2002, p. 46) na “pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. [...] documentos de “primeira mão”, que não receberam nenhum tratamento analítico”. Sendo este um fato a ser tratado na pesquisa e por se tratar de uma língua visual necessita a realização de registros visuais descrição e análise. Gil (2002, p. 46) explica quais são os documentos, como: “cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.”. Assim, esta pesquisa se adequa às características da pesquisa documental por utilizar gravações como um objeto para a produção do estudo.

3.5 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A elaboração desta pesquisa em seu aspecto organizacional que está dividida em seções, nas quais encontram-se a Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise e Resultados e Conclusão. A estrutura foi pensada nesse modelo de uma forma cronológica da gramática da língua para o sistema de escrita e a partir desse ponto produzir uma metodologia para a produção de uma análise.

Assim, serão apresentados os sinais de dois campos semântico, como: história e língua portuguesa. A seleção dos campos semânticos se deu devido à formação da pesquisadora ser nas áreas de História e Língua Portuguesa, e durante a atuação em sala de aula notou a dificuldade da associação de sinais nessas áreas em específico. Esperamos que a pesquisa possa ser colaborativa no ensino e aprendizagem da pessoa surda, proporcionando um conhecimento maior voltado para a língua portuguesa.

Durante a escrita da dissertação houve a preocupação em entender usuários que desconhecem a escrita em foco, para isso se tem os sinais em recorte, a escrita do sinal e *link* de vídeos para que possam visualizar a realização de cada sinal quando necessário, pois alguns sinais não produzem movimentos ou expressões.

Trata-se de uma pesquisa fonomorfológica, estudo que aborda sobre o processo de comutação, técnica que contribui linguisticamente para a Libras, por realizar a mudança de forma clara e visual, e por se tratar de uma comunidade que ouve pelos olhos e ao descrever e anotar alimenta seu conhecimento visual.

Para a seleção dos sinais dividimos os campos semânticos e pesquisamos sinais da mesma área que possuam o mesmo radical e morfemas diferentes, para que ao reproduzirem fique explícito a mudança.

Durante a pesquisa tentou-se trazer fatores que contribuíssem com a linguística da língua de sinais, a formação e atuação auxiliaram na seleção e reprodução dos sinais, como base de legitimação foram pesquisados os sinais em diversas plataformas, como *YouTube*, livros, revistas, arquivos pessoais com vídeos, apostilas e plataformas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do *SignPuddler*. Por atuar como Tradutora-Intérprete de Libras no âmbito acadêmico, facilitou a escolha dos sinais.

No grupo de História foram selecionados os sinais: Idade Contemporânea, Idade Moderna, Idade Média, Idade Antiga. Na Língua Portuguesa selecionamos duas áreas: a Morfologia (morfema, derivação, flexão e radical) e a Morfossintaxe (adjetivo, verbo, substantivo e advérbio). Alguns sinais foram encontrados no *SignPuddle* e outros por meio da plataforma da UFSC (glossário Libras), no *YouTube* (<https://www.youtube.com/@masterlinklibras8935>).

Para a realização da análise foram selecionados os sinais dos campos semântico de História e Língua Portuguesa, sendo demonstrados em grupos em escrita de sinais de modo a descrever fonologicamente e como acontece a comutação.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a análise e os resultados da pesquisa, a partir da metodologia de abordagem qualitativa, com princípios descritivos e com procedimentos documentais, cujo tema é análise fonomorfológica do léxico da Libras relacionadas ao campo semântico da História e da Língua Portuguesa.

Para a realização da análise há o passo a passo de cada etapa, conforme demonstrado a seguir.

1º Etapa: a seleção e organização dos sinais na área de História e Língua Portuguesa, que tenha o mesmo radical.

Figura 77 – Sinais selecionados

HISTÓRIA	Língua Portuguesa	
	• Morfologia	• Morfossintaxe
Idade Antiga	Morfema	Adjetivo
Idade Média	Derivação	Advérbio
Idade Moderna	Flexão	Substantivo
Idade Contemporânea	Radical	Verbo

Fonte: Dados da pesquisa

2º Etapa: Descrição fonológica dos léxicos selecionados, para identificação dos fonemas pertencentes de cada sinal, para que assim possa encontrar os morfemas;

3º Etapa: Descrição fonomorfológica dos campos semânticos, encontrando assim: raiz do sinal, sufixo derivacional e a vogal temática.

4º Etapa: análise da formação do sinal.

4.1 ANÁLISE

Nesta seção, apresentaremos as quadro etapas da realização do estudo para posteriormente nos debruçarmos nos resultados observados.

4.1.1 Etapa 1

Os campos semânticos são apresentados em figuras, a Figura 78 do léxico da História, Figura 79 se refere à Morfologia e a Figura 80 à Morfossintaxe. Os sinais selecionados são usados para a análise fonomorfológica desta pesquisa, usando o *SignWriting* para identificação dos elementos mórficos e os elementos sufixais de cada sinal apresentado.

A seleção dos sinais foi feita de acordo com o morfema-base, para identificação dos sufixos, os sinais são produzidos pela comunidade surda brasileira, respeitando as variações existentes, alguns dos sinais podem ser encontrados no site do *SignPuddle Online*, em vídeos ou na comunidade surda usuária da língua de sinais.

Na Figura 78 encontram-se os sinais em *SignWriting* do campo semântico de História: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Figura 78 – Campo semântico de História

Idade Antiga	Idade Média	Idade Moderna	Idade Contemporânea

Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 79 encontra-se os sinais em *SignWriting* do campo semântico da Língua Portuguesa - Morfologia: Morfema, Derivação, Flexão e Radical.





Figura 79 – Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfologia)

Morfema	Derivação	Flexão	Radical

Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 80 encontra-se os sinais em *SignWriting* do campo semântico da Língua Portuguesa - Morfossintaxe: Adjetivo, Advérbio, Substantivo e Verbo.

Figura 80 - Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfossintaxe)

Adjetivo	Advérbio	Substantivo	Verbo
			













Fonte: Dados da pesquisa

Com a apresentação dos sinais é possível visualizar o radical de cada sinal e encontrar o sufixo derivacional, dessa forma durante a análise poderemos descrever a comutação que ocorre com esses sinais. Para fazer a técnica de comutação é necessário realizar a descrição fonológica e a fonomorfológica que cada sinal possui.

4.1.2 Etapa 2


Será realizada uma descrição fonológica dos campos semânticos selecionados, para que assim identificar cada elemento fonético dos sinais selecionados, estarão devidos em grupos nas Figuras 81, 82 e 83 a seguir.

Figura 81 – Campo semântico de História



Idade Antiga		Idade Média		Idade Moderna		Idade Contemporânea	
				C.M.E.	C.M.D.	C.M.E.	C.M.D.
							
Ponto de Articulação		Ponto de Articulação		Ponto de Articulação		Ponto de Articulação	
							
Movimento		Movimento		Movimento		Movimento	
Sem movimento		Sem movimento		Sem movimento		Sem movimento	
O.M.D.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.
Dorso	Lado	Dorso	Lado	Dorso	Lado	Dorso	Palma
Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal	
Sem Expressão		Sem Expressão		Sem Expressão		Sem Expressão	
Tipo de Toque		Tipo de Toque		Tipo de Toque		Tipo de Toque	
**		*		**		**	

Fonte: Dados da pesquisa²³

²³ Legenda: C.M.E: Configuração de Mão Esquerda; C.M.D.: Configuração de Mão Direita; O.M.E.: Orientação de Mão Esquerda e O.M.D.: Orientação de Mão Direita.


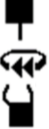
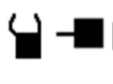













Na descrição da Figura 81 quanto aos sinais do campo semântico de História, os fonemas das C.M.E.  aparecem da mesma forma, pois ao realizar o sinal o que diferencia cada um é a vogal temática, que nessa situação é o local onde ocorre o toque.

Nesse contexto, utilizou do grafema do braço em todos os sinais para demonstrar onde acontece o sinal, pois segundo a regra de registro do *SignWriting* deve-se colocar pontos para evitar redundância em sinais, como para realizar todos os sinais desse campo semântico optamos em colocá-lo para demonstrar o percurso que a mão pode fazer e o local de contato que pode acontecer no braço.

Outro item que pode ser identificado nesse grupo é a presença da mesma C.M.D.  serem a mesma em todos os sinais, porém no sinal de Idade Contemporânea apresenta  a mesma configuração de mão, apenas a orientação da mão se modifica.

Para a realização fonológica se fez necessária a descrição dos parâmetros da Libras, foi acrescido o tipo de toque (não é um parâmetro), que é um grafema que faz parte do *SignWriting*.

Figura 82 - Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfologia)

Morfema		Derivação		Flexão		Radical	
							
C.M.E.	C.M.D.	C.M.E.	C.M.D.	C.M.E.	C.M.D.	C.M.E.	C.M.D.
							
Ponto de Articulação		Ponto de Articulação		Ponto de Articulação		Ponto de Articulação	
Espaço Neutro		Espaço Neutro		Espaço Neutro		Espaço Neutro	
Movimento		Movimento		Movimento		Movimento	
							
O.M.D.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.
Dorso	Dorso	Dorso	Dorso	Dorso	Dorso	Dorso	Lado
Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal	
Sem Expressão		Sem Expressão		Sem Expressão		Sem Expressão	
Tipo de Toque		Tipo de Toque		Tipo de Toque		Tipo de Toque	
*		Sem Toque		Sem Toque		Sem Toque	

Fonte: Dados da pesquisa










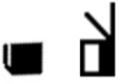







Na realização fonológica dos sinais da figura 82 referente ao campo semântico de Língua Portuguesa (Morfologia), encontra-se uma unidade que se está nos demais sinais, C.M.E. . Em duas situações como os sinais de derivação e Flexão a C.M.D.  se repetem, porém há o parâmetro do movimento que diferencia um sinal de outro. Apesar de alguns parâmetros terem o mesmo formato, o movimento diferencia-se na utilização de cada sinal.

Figura 83 - Campo Semântico de Língua Portuguesa (Morfofossintaxe)

Adjetivo		Advérbio		Substantivo		Verbo	
							
C.M.E.	C.M.D.	C.M.E.	C.M.D.	C.M.E.	C.M.D.	C.M.E.	C.M.D.
							
Ponto de Articulação		Ponto de Articulação		Ponto de Articulação		Ponto de Articulação	
Espaço Neutro		Espaço Neutro		Espaço Neutro		Espaço Neutro	
Movimento		Movimento		Movimento		Movimento	
				Sem movimento		Sem movimento	
O.M.D.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.	O.M.E.	O.M.D.
Dorso	Dorso/Lado	Dorso	Dorso/Lado	Dorso	Dorso	Dorso	Lado
Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal		Expressão Facial/Corporal	
Sem Expressão		Sem Expressão		Sem Expressão		Sem Expressão	
Tipo de Toque		Tipo de Toque		Tipo de Toque		Tipo de Toque	
*		*		**		**	













Fonte: Dados da pesquisa

Na realização fonológica dos sinais da Figura 83, do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfofossintaxe), encontramos a fonológica nos demais sinais, C.M.E. , os demais parâmetros não se repetem dentro da descrição.

4.1.3 Etapa 3

A seguir será apresentada a descrição fonomorfológica dos léxicos selecionados, para isso, nos utilizamos das Figuras 84, 85 e 86. Por se tratar de descrição de sinais de forma fonomorfológica, buscamos encontrar a raiz do sinal, sufixo derivacional e a vogal temática. Para a realização do sinal parte de um léxico ou um morfema para a realização da derivação.

Figura 84 – Descrição Fonomorfológica do campo semântico de História

	TEMA	RAIZ	SUFIXO DERIVACIONAL	VOGAL TEMÁTICA
Idade Antiga				Toque no Cotovelo
Idade Média				Toque no Braço
Idade Moderna				Toque nos Dedos
Idade Contemporânea				Toque nos Dedos

Fonte: Dados da pesquisa


Para a construção da Figura 84, obtive o morfema-base , ele de forma isolada não possui significado, sua formação no sinal base é um marco temporal, sendo assim um morfema preso. Com a escrita de sinais é possível verificar a derivação que ocorre para a formação dos demais sinais.

Figura 85 - Descrição Fonomorfológica do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfologia)

	TEMA	RAIZ	SUFIXO DERIVACIONAL	VOGAL TEMÁTICA
Morfema				
Derivação				
Flexão				
Radical				

Fonte: Dados da pesquisa



Para a realização da descrição da Figura 85, necessitamos utilizar como morfema-base a , que se origina do sinal PALAVRA, pertencente ao mesmo grupo lexical, e com isso podendo derivar os demais sinais e encontrar o campo semântico selecionado. Com a utilização da escrita de sinais é possível identificar o morfema-base e, a partir dele, produzir outros sinais termos, sendo um morfema livre.

Figura 86 - Descrição Fonomorfológica do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfossintaxe)

	TEMA	RAIZ	SUFIXO DERIVACIONAL	VOGAL TEMÁTICA
Adjetivo				
Advérbio				
Substantivo				
Verbo				




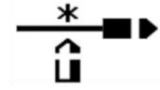





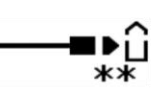


Fonte: Dados da pesquisa

Na realização da descrição da Figura 86, necessitamos utilizar como morfema-base a , com a identificação pode-se realizar a derivação e encontrar o campo semântico selecionado. O *SignWriting* ajuda de forma clara a registrar e identificar essa mudança que ocorre a partir do morfema-base, sendo um morfema preso.

4.1.4 Etapa 4

Para reconhecimento do elemento mórfico e o sufixo derivacional necessitou fazer em escrita de sinais para ficar visualmente claro. Por se tratar de uma língua visual será adotado a simultaneidade abordada por Quadros e Karnopp (2004). Nesta etapa segue a análise de como se deu a formação do sinal, como essas unidades com significado se forma.

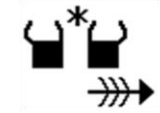








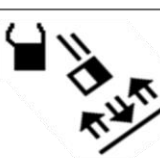


Figura 87 – Comutação do campo semântico de História

	SINAL	ELEMENTO MÓRFICO	SUFIXO DERIVACIONAL
Idade Antiga			
Idade Média			
Idade Moderna			
Idade Contemporânea			

Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 87, o processo de comutação é marcado pelo Tempo, por isso a criação do sinal se deu pela utilização do grafema braço e mão. Com esse a substituição das unidades que possui um significado, neste caso o marco temporal, fica perceptível entender fonomorfologicamente. Primeiramente identificou os fonemas, depois os morfemas presentes dentro dos grupos.













Figura 88 - Comutação do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfologia)

	SINAL	ELEMENTO MÓRFICO	SUFIXO DERIVACIONAL
Morfema			
Derivação			
Flexão			
Radical			

Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 88, o processo de comutação é marcado pela PALAVRA (sinal), parte-se do pressuposto que da origem de cada palavra pode-se originar outras palavras, e que essas palavras podem ser modificadas, podendo realizar uma “análise da língua pela própria língua” (Saussure, 2006). A base origina outros sinais com significados próprios. O processo de comutação nesse campo semântico se torna evidente após a descrição fonológica e morfológica.

Figura 89 - Comutação do campo semântico de Língua Portuguesa (Morfossintaxe)

	TEMA	ELEMENTO MÓRFICO	SUFIXO DERIVACIONAL
Adjetivo			
Advérbio			
Substantivo			
Verbo			

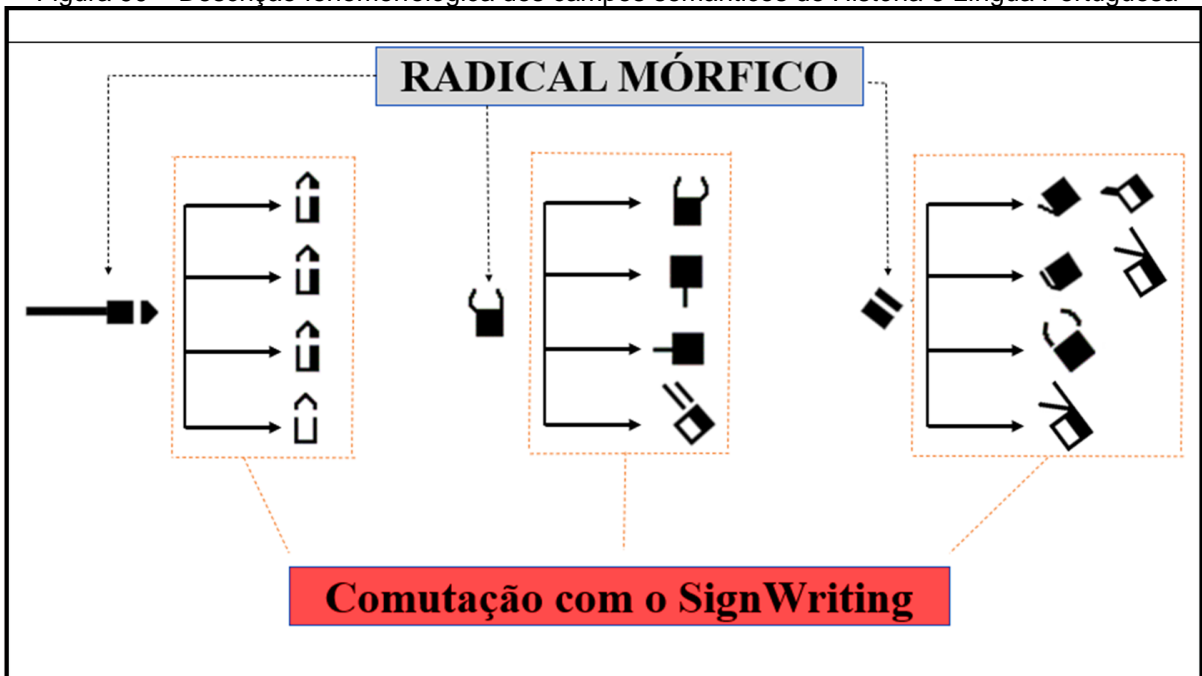
Fonte: Dados da pesquisa

Na Figura 89, o processo de comutação é marcado pela mão de base, partindo do pressuposto que grande parte dos sinais realizados com as duas mãos sempre tem a mão de base fechada. Porém, nesse campo semântico foi possível identificar uma sequência de formação maior a partir da base, mas não somente por ser base e sim por estar relacionada à língua e materializar ao sinalizar o processamento do cérebro. A comutação se torna evidente nesse campo semântico após realizar a escrita de sinais.

4.2 RESULTADOS

Para demonstra como acontece a comutação de forma simultânea nos três campos semânticos, trazemos na Figura 90 a descrição de forma clara. Os pontilhados em preto são os radicais e os pontilhados em vermelho são as comutações. Assim, o processo de substituição ou modificação de um elemento dentro do sinal dá sentido e significado a outro sinal.

Figura 90 – Descrição fonomorfológica dos campos semânticos de História e Língua Portuguesa



Fonte: Dados da pesquisa

Para elaboração do material de descrição se fez necessária a utilização da escrita da língua de sinais, nesse caso o *SignWriting*, de modo a encontrar os morfemas presentes em cada campo semântico para a realização da comutação.

Para a construção dos grupos identificou-se que, nos campos semânticos de História e Língua portuguesa (Morfologia e Morfossintaxe), os morfemas se tornam presos, pois de forma isolada não formam um sinal, nessa regra eles são sufixais. No campo semântico Língua Portuguesa (Morfologia), o morfema base é livre, pois sozinho tem significado e o sufixo é um morfema preso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras, na língua de sinais é o estudo dos sinais. A Libras vem ganhando reforço com novas pesquisas voltadas à área, apesar de muitos esforços a presença de pesquisadores relacionados a outras áreas ainda se torna pequena.

Por se tratar de uma pesquisa de documental se fez necessária a utilização de registro escritos, mediante vários sistemas de escrita o mais confortável linguisticamente foi o *SignWriting*, por já haver o conhecimento sobre o sistema de escrita, tornou-se mais eficaz o manuseio escrito durante a produção da escrita e a pesquisa se torna mais inteligível e detalhada para novos pesquisadores se debruçarem na temática.

Legitimando que a pesquisa contribui para a área da linguística da Libras, em específico a morfologia da língua de sinais e a escrita da língua, ampliando o conhecimento da comunidade e dando reconhecimento a uma que é língua viva. Nessa perspectiva, o *SignWriting* contribui no ensino e aprendizagem da pessoa surda, no processo de formação de identidade, na potencialização de pessoa surda pertencente a um grupo minoritário, e no empoderamento linguístico da Libras, além de promover a inclusão de pessoas Surdas e ouvintes dentro de uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Durante o percurso acadêmico de pós-graduação, o programa foi realizado de forma *online* e devido à pandemia de Covid-19, quando nos encontrávamos em isolamento social. Por essa questão, a pesquisa foi direcionada para a análise documental, havendo orientações no *online* com a orientadora.

Para a produção do material escrito, foi necessária a seleção dos sinais nos campos semânticos de História e de Língua Portuguesa, o motivo das escolhas se deu questões da formação acadêmica da pesquisadora e por querer realizar a identificação dos sinais nos quais acontece a comutação.

O objetivo geral desta pesquisa foi fazer a análise fonomorfológica na Libras para a descrição da utilização do método de comutação, na realização do registro em *SignWriting*. O objetivo proposto foi atingido, pois para a realização da análise utilizamos a escrita a fim de evidenciar como a comutação acontece na Libras.

A partir desse objetivo geral partiu-se para os específicos que foi,

primeiramente, descrever como acontece a comutação na Libras, por se tratar de uma área específica, foi realizada a descrição da fonologia, da morfologia e a comutação na Língua de sinais, para que assim no decorrer da análise se tornasse evidente o método adotado. O segundo objetivo específico foi o registro dos sinais nos campos semânticos da História e Língua Portuguesa, para os quais foi feita a verificação e identificação dos sinais nos campos propostos. Para desenvolvimento do objetivo em questão fizemos a verificação de sinais visuais e escritos, além da seleção e descrição. Todos os objetivos propostos foram alcançados na investigação.

Ao finalizar a pesquisa, mas não os estudos, é importante destacar que estudar a fonomorfologia da Libras se faz necessária para o fortalecimento da língua e desbravamento de novas informações que levem à compreensão da complexidade da língua, contribuindo também para a formação social, percebe-se que quanto mais usuários aprendem a escrever na escrita de sinais *SignWriting*, mais informações são disponibilizadas, tendo como princípio o desenvolvimento linguístico e social.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, José Plínio. Os princípios fundamentais ao longo da História da Física. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [s.l.], v. 28, n. 4, p. 541-553, 2006.
- BARRETO, Madson, BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2ª edição. Salvador: Libras Escrita, 2015.
- BEZERRA, Rodrigues. **Nova Gramática da Língua Portuguesa para concursos**. 7ed. São Paulo: Método, 2015.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. **Knowing Jesus**. 2023. Disponível: <https://bible.knowing-jesus.com/Portuguese/Marcos/7/32>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- BRASIL. Lei nº 10.436. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras e dá outras providências**. Publicada no Diário Oficial da União em 24/04/2002. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 23 jul. 2022.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Dispõe sobre a regulamentação de língua Brasileira de Sinais – Libras**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 23 jul. 2022.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. v. 1. São Paulo, São Paulo: EDUSP, 2009.
- CARNEIRO, Fernando Henrique Fogaça. **Escrita da Língua de Sinais: elementos introdutórios**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2017. 58 p.
- FARIAS-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística). UnB/Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Programa de Pós-graduação em Linguística, Brasília, 2009.
- FARIAS-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcício de Arantes. (org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Insular, 2013. p.79-116.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3, ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FELIPE, Tanya Amaral. **Libras em Contexto: curso básico**. Livro do professor. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora Wallprint, 2008.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. [reimpr.] Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana**. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2013.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico: Explicitação das Normas da ABNT**. 16 ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875. Disponível em: https://www.editora-arara-azul.com.br/flausino_gama.pdf. Acesso em: 5 abr. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUÉRIOS, Rosário Farâmi Mansur. A substituição em lingüística. **Revista Letras**, [s.l.], v. 19, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19744/12983>. Acesso em: 17 abr. 2023.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda**. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.

MAIA, Valdeci; VELOSO, Éden. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. 10 ed. Curitiba: MaoSinais, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARGOTTI, Felício Wessling; MARGOTTI, Rita de Cássia Mello Ferreira. **Morfologia do Português**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2057323/mod_resource/content/1/Livro%20Completo%20de%20Morfologia.PDF. Acesso em :15 abr. 2023.

MELO, Amarildo de Lima; SOUZA, Maria do Socorro Mourão de Medeiros. **Análise fonomorfológica do léxico da libras: campos semânticos das tecnologias e da legislação**. 2002, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Letras Libras, Rio Branco.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza. **O SignWriting como suporte para o desenvolvimento na leitura em Língua Portuguesa como segunda língua**. 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 27 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SLEVINSKI, Steve.; SUTTON, Valerie. **SignPuddle Online 2.0**. Disponível em: <http://www.signbank.org/signpuddle/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SLEVINSKI, Steve.; SUTTON, Valerie. **SignPuddle Reference Manual 1.5. 2007**. Disponível em <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0485-US-SignPuddle15Manual.pdf> Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUZA, Daiane Rabelo de; CRESTANI, Leandro Araújo. A dicotomia de Ferdinand de Saussure Sintagma X Paradigma e suas contribuições para processo de desenvolvimento da linguagem das crianças. 13ºENCITEC: Criar, inovar, empreender, 2017. **Anais do Encontro Científico e Tecnológico da Fag Toledo**, [s.l.], 2017. Disponível em: https://www2.fag.edu.br/coopex/inscricao/arquivos/encitec/20171024-201950_arquivo.pdf. Acesso em: 5 abr. 2023.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978. https://www2.fag.edu.br/coopex/inscricao/arquivos/encitec/20171024-201950_arquivo.pdf . Acesso em: 5 abr. 2023.

STROBEL, Karen Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting: línguas de sinais no papel e no computador**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação. Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre, 2005.

SUTTON, Valerie. **The SignWriting Alphabet: read and write any sign language in the world**. 2011. Disponível em: http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0636_SignWriting_Alphabet_Manual_2010.pdf. Acesso em: 24 ago. 2022.

WANDERLEY, Débora Campos. **A classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais: Uma análise a partir do SignWriting**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal em Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

XAVIER. André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)**. 2006. 175 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006